

AUTORES & LIVROS

8/3/1942
ANO II

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Múcio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. II
Rúm. 8

Notícia sobre Alberto de Oliveira

Alberto de Oliveira — Antônio Múcio Alberto de Oliveira — nasceu em Palmital de Suape, na província do Rio de Janeiro, em 28 de abril de 1850. Era filho de José Maria de Oliveira e de dona Ana Joana de Mendonça, ele, filho português, nascido em Coimbra, e ela, descendente dos Fundados de Mendonça.

Foi nos preparatórios em Niterói na antiga Corte, no Colégio Iguaçu e em outros parciais. Fez o curso de Farmácia, obtendo o título em 1884. Cursou a Faculdade de Medicina até o 3.º ano.

Naturalizado Rio, foi em 1892, oficial do gabinete do presidente. De 1893 a 1898, esteve à cargo de diretor geral da Instrução Pública naquela Estado.

Alberto de Oliveira tinha de grandes teatros, sendo nove rapazes e sete moças. Possuam todos grande inclinação para a literatura e para a poesia, e seu pai levou a casa deles um ambiente de reuniões literárias, onde se discutiam assuntos de arte e de literatura. Foi famosa a casa da Esplanada, onde residia, com o Alberto e o casal Oliveira, e que era frequentada, em certo tempo, por mais ilustres escritores brasileiros, como Olavo Bilac, Paul Proust, Raimundo Corrêa, Iliaza e Arim Azavedo, Otonio Celso, Guimarães Rosa, Lúcio de Mendonça,

Pardal Mallet, Valentim Magalhães e outros.

Nessa família privilegiada de poetas, Alberto de Oliveira era a mais perfeita organização literária. Sua estreia, em 1877, com as "Canções Românticas", foi, sem dúvida, interessante, embora não fizesse ainda presenciar o grande poeta que estava naquela criadela. Depois com os "Sonetos e Poemas", com os "Versos e Rimas", e sobretudo com as coletâneas das quatro séries de "Poesias", que se sucederam nos anos de 1900, 1911, 1913 e 1927, é que ele patenteou todo o seu rutilo talento de poeta, a sua arte, a sua perfeita mestria, tudo o que o equipara aos nossos maiores cantores, pondo-o na altura serena em que vemos fulgurar o nome de um Gonçalves Dias ou o de um Olavo Bilac.

O grande poeta recebeu várias honrarias, testemunhos que o nosso país e países estrangeiros lhe tributaram, de respeito, admiração e amor. Foi doutor em Filosofia e Letras, "honoris causa", pela Universidade Nacional de Buenos Aires, membro correspondente da "The Hispanic Society of America", sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa.

Foi professor da Escola Normal e da Escola Dramática e inspetor do Ensino no Distrito Federal.

Era um apaixonado bibliógrafo, e chegou a possuir uma dos bibliotecas mais escolhidas

e valiosas, de clássicos portugueses e brasileiros, biblioteca da qual, há alguns anos, fez doação à Academia Brasileira de Letras.

Alberto de Oliveira iniciou em 1877 os seus trabalhos de colaboração, em jornais cartoesas. Desde então achamos o seu nome firmando trabalhos na "Gazetinha", em "A Semaninha", no "Diário do Rio de Janeiro", no "Miquetice", no "Combate", na "Gazeta da Noite", na "Tribuna de Petrópolis", na "Revista Brasileira", na "Correio da Manhã", na "Revista do Brasil", na "Revista de Portugal", na "Revista de Língua Portuguesa", na "Almanaque Garnier", na "Revista da Academia Brasileira de Letras", no "Século XX", na "Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes", de Campinas, no "Estação", no "Imparcial", etc.

Foi um dos fundadores da Academia Brasileira, criando ali a cadeira n.º 8, que tem como patrono Cláudio Manoel da Costa. Foi eleito presidente da Instituição em 1926, mas renunciou na mesma sessão o cargo.

Faleceu em Niterói, em 19 de janeiro de 1937, tendo sido substituído na Academia pelo sr. Oliveira Vianna, seu amigo, seu contemporâneo, escritor que Alberto de Oliveira sempre sonhava ver figurando nos quadros da imortalidade.



ALBERTO DE OLIVEIRA

SUMÁRIO

PAGINA 113:

- Notícias sobre Alberto de Oliveira.
- Bibliografia de Alberto de Oliveira.
- Sumário.

PAGINA 122:

- Alberto de Oliveira, por Prudente de Moraes Neto.

PAGINA 123:

- Correspondência de escritores. Carta de Alberto de Oliveira a Bernardo de Oliveira.
- Bendita poesia! (Agradecimento às comemorações do seu jubileu), de Alberto de Oliveira.

PAGINA 124:

- Correspondência de escritores. Carta de Coelho Neto a Alberto de Oliveira.
- Alberto de Oliveira, tradutor: O Canto, de Sully Prudhomme. — Du Intermezzo, de H. Heine.
- O conto (prefácio do volume Contos Brasileiros, da Livraria Garnier).

PAGINA 125:

- Uma lição de sabedoria, de Humberto de Campos.
- Correspondência de escritores. Carta de Olavo Bilac a Alberto e Bernardo de Oliveira.
- Flor santa, de Alberto de Oliveira.

PAGINA 126:

- Fragmentos, de Alberto de Oliveira.
- Algumas páginas de Alberto de Oliveira: Visão — Magdala.

PAGINA 127:

- Raridades de Alberto de Oliveira: Vidros apacos — Andalea — Figura de bronze — Subindo a montanha — A José de Moraes Silva — O mutilado da rua Flack — Falando ao coração — Aparências — Eterno — Menino Jesus — Horas Felizes — Rosas do céu — Monólogo pastoril — Foca de casa.

PAGINA 128:

- Dois poemas de Olavo Bilac, de Eugênio Gomes.
- Galeria de nomes ilustres.

PAGINA 116:

- As poesias de Alberto de Oliveira, de José Veríssimo.
- Duas poesias de Alberto de Oliveira — Aspiration; Deatiro do sonho.

PAGINA 117:

- Uma grande cantor da natureza, de D. Milano.
- Um pagão panteista, de Tristão da Cunha.
- Sonho, de Alberto de Oliveira.
- M. L. S. — Um soneto, fac-símile, de Alberto de Oliveira.

PAGINA 118:

- Alberto de Oliveira, contista. Os brinques de Sara (com ilustração de Osvaldo Goeldi).

PAGINA 119:

- As Poesias de Alberto de Oliveira, por Olavo Bilac.
- Correspondência de escritores. Carta de Alberto de Oliveira a Jorge Jobim.

PAGINAS 120 e 121:

- Uma família de poetas, por Múcio Leão.

Bibliografia de Alberto de Oliveira

Alberto de Oliveira deixou os seguintes trabalhos:

A — Poesia:

- 1 — Canções Românticas (Tipografia da "Gazeta de Notícias", Rio, 1878).
- 2 — Meridionais. Com uma introdução de Machado de Assis, (Tip. da "Gazeta de Notícias", Rio, 1884).
- 3 — Sonetos e Poemas (Moraes Máximo & Cia, 1885).
- 4 — Versos e Rimas, Primeira parte. Tip. L'Étoile du Sud, 1895.
- 5 — Poesias completas, encerrando Meridionais, Sonetos e Poemas, Versos e Rimas, Por amor de uma lagrima, Livro de Ema. (H. Garnier, Rio, 1900).
- 6 — Lira Arcádica, coleção da p. Angelo Buz. Tip. do "Jornal do Comércio", Rio, 1900. Alberto assina a sua contribuição com o pseudônimo de D. Bilac.
- 7 — Poesias, Segunda série, encerrando Alma Livre, Terra Natal, Flores de Serra, Versos de Sauda-

- 8 — Poesias, Terceira série, encerrando Sol de Verão, Céu noturno, Alma das Coisas, Sala de Baile, Rimas Várias. No seio do Kosmos, 1904-1911. (Livraria Francisco Alves, Rio, 1913).
 - 9 — Ramo de Arvore. (Tip. do "Anuário do Brasil", Rio, 1922).
 - 10 — Poesias, Quarta série, encerrando Ode Cívica, Alma e Céu, Cheiro de Flor, Ruínas que falam, Câmara Ardente, Ramo de Arvore (Livraria Francisco Alves, Rio, 1927).
 - 11 — Poesias Escolhidas — Coletadas e Prefaciadas por Jorge Jobim — Civilização Brasileira Editora — Rio, 1933.
- Alberto de Oliveira deixou pronta a Quinta Série de suas Poesias, que se encontra na Academia Brasileira, sendo editada, e que deve aparecer até o mês de maio próximo.

B — Prosa:

- 1 — Relatórios do diretor da instrução pública do Estado do Rio de Janeiro, 5 vols. relativos aos anos de 1893 a 1897.
- 2 — O verso alexandrino na poesia brasileira, conferência pronunciada na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo (Tipografia Levi, São Paulo, 1914).
- 3 — D. Juan, Conferência pronunciada na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo (São Paulo, 1936).
- 4 — Saudação a Goulart de Andrade, Discurso pronunciado na Academia Brasileira, em 30 de setembro de 1916.
- 5 — Soneto Brasileiro, de Gregório de Matos a Raimundo Corrêa, Conferência pronunciada na Biblioteca Nacional, em 23 de setembro de 1918. Separata da Revista de Língua Portuguesa, n.º 8, 1920.
- 6 — Fagundes Varela. Conferência (Continua na página 119)

ALGUMAS POESIAS DE

VASO GREGO

Esta de áureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia,
Já de aos deuses servir como cansada,
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que a suspendia
Então, e, ora repleta ora esvaziada,
A taça amiga aos dedos seus tinha,
Toda de roxas pétalas colmada.

Depois... Mas o lavor da taça admira,
Toda-a, e do ouvido aproximando-a, as bordas
Finas bós de lhe ouvir, canora e doce.

Ignota voz, qual se da anula lira
Passa a encantada música das cordas,
Qual se essa voz de Anacreonte fosse.

VASO CHINES

Estranho nino aquele vaso! Vi-o.
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o marmore lúcido,
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado,
Neste pusera o coração doente;
Em rubras flores de um azul lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste à desventura,
Quem o sabe?... de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura.

Que arte em pintá-la! A gente acaso vendo-a,
Sentia um não sei que com aquele chim
De olhos cortados à feição de amêndoa.

SIRINX

Pá não era por certo deus tão lindo
Que merecesse ninfas como aquela;
Foz mal em persegui-la, e bem fez ela
Pedir a um colmo encantamento infundo.

Só se vê-lo as oréades sorrindo,
— E destas uma só não foi tão bela
Como Sirinx, — armada de cauteia,
Pronto aos murtais botavam-se, fugindo.

E, pola, por tal cornipeo devia
Ga-tar as águas de amoroso incêndio?
Não! — E a influxo das naiades, um dia,

Perseguida do deus, o movediço
Ladon procura, estende o corpo, estende-o...
E ei-la mudada em trémulo caniço.

II

Imagine-se o deus como ficara
Quando, crendo estreitar a ninfa esparta
Que lhe fugia, apenas uma vara
Delgada e fragil contra o peito aperta.

Vendo-o logo no engano que lhe armara
Amor, da oposta margem descoberta
Um risinho de escárneo, que o despertara,
Tiniu do rio na corrente clara.

Então, da planta virginal, no assomo
Da raiva, a haste alongada o deus vergando,
Parte-a em varias porções, de gomo em gomo.

Tais partes junta; e em música linguagem
Dos pastores com as vozes concertando,
Poe-se a soprar no cálcamo selvagem.

III

Da agreste cana à mócula toada,
Da Arcadia pelos ingremes outeiros
Vinhão descendo, em lípida manada,
Lestos, brincões, os sátiros ligeiros.

E a flebil voz da flauta, soluçada
De ternuras, soava entre os olmeiros;
Já nas grúas as naiades em cada
Sopro lhe ouvem os ecos derradeiros.

Hamadriades louras pulpitando
Estão no liber das árvores; donosas
Napeias saltam do olivedo, em bando.

E presa à flauta a ninfa, que a origina,
Sirinx pura, as notas suspirosas
Derrama d'alma, à vibração divina.

TAÇA DE CORAL

Liclas, pastor — enquanto o sol recebe,
Mugindo, o manso armento e ao largo esprata,
Em sede abraça, qual de amor por Febe,
— Sede também, sede maior, desmaia.

Mas aplacar-lhe vem piedosa Nala
A sede d'água; entre vinhedo e sebo
Corre uma linfa, e ele no seu de fala
De ao pé de Alfeu tarro escultado bebe.

Bebe, e a golpe e mais golpe: — "Quer ventura
(Suspira e diz) que eu mate uma Anúsia louca,
E outra fique a penar, zagalha ingrata!"

Outra que mais me afflige e me tortura,
E não em vaso assim, mas de uma boca
Na taça de coral é que se mata".

O MURO

E' um velho paredão, todo gretado,
Roto e negro, a que o tempo uma ofrenda
Deixou num cacto em flor ensanguentado
E num pouco de musgo em cada fenda.

Serve há muito de encerro a uma vivenda;
Protege-la e guardá-la é seu cuidado;
Talvez consiga esta missão comprehendida,
Sempre em seu posto, firme e levantada.

Horas mortas, a lua o véu desata,
E em cheio brilha; a solidão se estrela
Toda de um vago cintilar de prala;

E o velho muro, alta a parede nua,
Olha em redor, esprieta a sombra, e vela,
Entre os beijos e lagrimas da lua.

SOB UM SALGUEIRO

Dorme uma flor aqui, — flor que se abria,
Que mal se abria, cândida e medrosa,
Rosa a desabrochar, botão de rosa
Cuja existência não passou de um dia.

Deixai-a em paz! A vida fugidia
Como uma sombra, a vida procelosa
Como uma vaga, a vida tormentosa,
A nossa vida não a merecia.

Em paz! em paz! A essência delicada
Do anjo gentil que este sepulcro encerra,
E' hoje orvalho... cántico... alvorada...

Sopro, aragem do céu, talvez, que o pranto
Anda a enxugar a uns olhos cá na terra,
Doces olhos de mãe, que o amavam tanto.

* * *

Vem! Inda em mim amor com que eu te queira,
Versos em que celebre e em que resuma
As tuas perfeições uma por uma,
Trem esto e assomos da paixão primeira.

Salta-me o sangue, como ao vento a espuma,
De indômitos desejos à cequeira,
Ardeu durante o dia a seiva inteira,
E' quase pôr do sol — inda arde e fuma.

Vem! Dá-me ouvir-te em meu deserto os passos!
Vem, desejada há tanto! e est'alma louca
Unindo à tua, morta de ansiedade,

Deixa crucificar-me nos teus braços,
Lavra com um beijo teu na minha boca
O epitáfio da minha mocidade!

O NINHO

O musgo mis sedoso, a úsnea mais leve
Trouxe de longe o alegre passarinho,
E um dia inteiro ao sol paciente esteve
Com o destro bico a arquitetar o ninho.

Da palha os vagos flocos cor de neve
Colhe, e por dentro o alfombra com carinho;
E armado, pronto, enfim, suspenso, em breve,
Ei-lo balouça à beira do caminho.

E a ave sobre ele as asas multicores
Estende, e sonha. Sonha que o aureo poleo
E o nectar suga às mais brilhantes flores;

Sonha... Porem de súbito a violento
Abalo accorda. Em torno as folhas bolem..
E' o vento! E o ninho lhe arrebatou o vento.

CHEIRO DE ESPADUA

"Quando a valsa acabou, veio à janela,
Sentou-se. O leque abriu. Sorria e arfava.
Eu, viração da noite, a essa hora entrava
E estaquei, vendo-a decolada e bela.

Eram os ombros, era a espadua, aquela
Carne rosada um mimo! A arder na lava
De improvisa paixão, eu, que a beijava,
Hauri sequiosa toda a essência dela!

Deixei-a, porque a vi mais tarde, oh ciúme!
Sair velada da mantilha. A esteira
Sigo, até que a perdi, de seu perfume.

E agora, que se foi, lembrando-a ainda,
Sinto que, à luz do luar nas folhas, cheira
Este ar da noite aquela espadua linda!"

NÚPCIAS DA PRIMAVERA

Depois da chuva, estes lavados ares
Riem com a lua, Céu de primavera.
A sementeira de astros prolifera,
Brotam-lhe em chão de luz sóis aos milhares.

E' a hora dos noivados estelares
E misteriosos. Qual de enorme antera,
Chove um polen sutil do azul da esfera,
Amam espaços, amam terra e mares.

Todo o Eter vibra em lúbrico arrepleo.
Fundem-se almas em longo e apaixonado
Beijo; força imperiosa as move, a enchê-las;

E do alto céu o luar fôto e macio
Sobre estas núpcias, como um cortinado,
Todo lírios na barra e em cima estrelas.

A FUMAÇA DA FÁBRICA

Y escuro pendão, da fábrica a fumaça
coe, e fala, talvez, ondeando no ar vazio;
— "Belo é o trabalho, mas a recompensa é escassa,
I escasso é o pão, o lar é pobre, e há fome, e lá
ffric..."

Jestes malhos brutais mesclado aos ecos passa
Um gemido de dor; a cada rodopio
De polés ou moltoes uma queixa se enlaça,
E uma súplica aos céus, dali partida, envia.

O fogo de onde vim, aí dentro, em cada rosto
Resalta amargo transe, alumia um desgosto...
Com que vagar, porem, hoje me aprumo e elevo!

Estranho malestar, como um torpor, me invade...
Deve ser deste ar frio o peso da umidade,
Da umidade... se não das lagrimas que levo.

VESTÍGIOS DIVINOS

(Em Marumbi, Paraná)

Houve deuses aqui, se não me engano;
Novo Olimpo talvez aqui fugia;
Zeus agastava-se. Afrodite ria,
Juno toda era orgulho e ciúme insano.

Noe arredores, na montanha ou plano
Diana caçava, Acteon a perseguiu.
Espalhados na bruta serraania,
Inda há uns restos da forja de Vulcano.

Por toda esta extensíssima campina
Andaram Faunos, Naiades e sa Graças,
E em banquete se uniu a grei divina.

Os convivas pagãos ainda hoje os topas
Mudados em pinheiros, como taças,
No urrah festivo erguendo no ar as copas.

O CAVOUQUEIRO

No grosseiro trabalho envelhecido,
Não se lamenta, não, do ofício ingrato
O que ali vês quase sem pão nem trato,
Da pedra bruta com a explosão ferido.

Mal um suspiro a espaços ou gemido
Lhe escapa. Cisma... o olhar vagueia, abstrato.
Sorri-lhe a mulher morta no retrato
Ao pé da cama, na parede erguido.

Vem-lhe a filha beijar a mão calosa.
E ele, o alvião olhando posto, ao lado
Absorve-se a pensar na hora benvida,

Em que, saindo, à luz do sol, radiosa,
Há-de à pedreira hostil, quando esforcado,
Dar novo assalto, e escarrega-la ainda.

ALBERTO DE OLIVEIRA

POETA SERTANEJO

Este obscuro passou, sem nunca haver deixado,
Em pos de um sonho vão, a terra em que nasceu.
Como inglorio, por lá, nos campos o avinhado
Canta e morre a cantar, inglorio assim morreu.

Seu cântico instrumento em surdo som maguado
Estalou. Sob a cruz de estrelas deste céu,
Tão belo aí fora, jaz em túmulo ignorado,
So das terras sabido, o sertanejo Orfeu.

Mãe não morreu seu canto. Anda em livros o nosso
E o bom homem; o dele, entre rios e flores.
Luz do sol, num soluço a repeti-lo estão.

As aves, o fremito do vento, o ruído grosso
Das rachoeiras da serra e com os mais trovadores
O arrepiado gemer das violas do sertão.

DECLÍNIO

Tarde outonal que assim desmata lentamente,
— Pior de logo a murchar em morosa agonia:
Nome fundo de céu longínquo, do meu dia
Grande como o teu sol, vejo a câmara ardente.

Fumam os círios, tola o incenso o ar transparente,
O ar do estafalco entrecruz e irradia.
Zenite, surge, fulgor de pleno azul, Poesia,
Gloria, alturas, adeus! Tudo agora é Poente.

Quem, no abismal descenso à tua ocidua tumba,
Entre serras e mar, o clarão que se acaba,
Tarde, reviverás? Quem te ampara e socorre?

Ha uma tova de funeral no trovão que retumba,
Neste rui de arrebóis há um sonho que desaba.
Neste otego da luz há um coração que morre.

TRADUZINDO UMA QUEIXA

O melhor dos amores dura um dia
Um pouco mais; neste pequeno espaço
Todo ele cabe, todo se irradia,
Sem tristezas, sem pausas, sem cansaço.

Se vai além, das asas com que outrora
O tabularam, como fresca espuma
Boiha a boiha se apaga, de hora em hora
Vão-lhe as plumas caindo pluma a pluma.

Se anda além vai, perde de todo as penas,
Não voa mais; adeus, alturas e astros!
Primário aos pés em casa, vive apenas
Como animal doméstico, de reatros...

O CAMINHO DO MORRO

Guirava à casa do morro, em voltas, o caminho,
Até lhe ir esbarrar com as orlas do terreiro:
Dava-lhe o doce ingá, rachado ao sol, o cheiro,
E um rumor de maré o cafetal vizinho.

Quanta vez o subi, buscando a um guache o ninho,
Ou, saltando, o deves com o regato ligeiro,
Para voar num balanço, em baixo, o dia inteiro,
E ver girar, gozando, as asas de um molinho!

De setembro até março uma colcha de flores
Tapetava-o. Reluz-lhe em poças de água o céu;
Das folhas sobre o saibro os orvalhos escorrem...

Mas morreram na casa, em cima, os moradores,
Morreu, caindo, a casa, o molinho morreu,
O caminho morreu... Até os caminhos morreram!

A CASA DA RUA ABILIO

A casa que foi minha, hoje é casa de Deus
Trax no topo uma cruz. Ali vivi com os meus,
Ali nasceu meu filho; ali, só, na orfandade
Fiquei de um grande amor. As vezes a cidade

Deixo e vou vê-la em meio aos altos muros seus.
Sal de la uma prece, elevando-se aos céus;
São as freiras rezando. Entre os ferros da grade,
Espreitando o interior, olha a minha saudade.

Um sussurro também, como esse, em sons dispersos,
Ouvia não há muito a casa. Eram meus versos,
De alguns talvez ainda os ecos falarão,

E em seu surto, a buscar o eternamente belo,
Misturados a voz das monjas do Carmelo,
Subirão até Deus nas asas da oração.

A ALMA DOS VINTE ANOS

A alma dos meus vinte anos noutro dia
Senti volver-me ao peito, e pondo fora
A outra, a enferma, que lá dentro mora,
Ria em meus lábios, em meus olhos ria.

Achava-me ao teu lado então, Lúzia,
E da idade que tens na mesma aurora;
A tudo o que já fui, tornava agora,
Tudo o que ora não sou, me renascia.

Ressenti da paixão primeira e ardente
A febre, resurgiu-me o amor antigo
Com os seus desvarios e com os seus enganos...

Mas ah! quando te foste, novamente,
A alma de hoje tornou a ser comigo,
E foi contigo a alma dos meus vinte anos.

EXCELSITUDE

Chegaste onde chegar nem pode o pensamento.
Eu que te vi partir, eu me dei ao zozinho
Ficar, amando ainda este chão de caminho,
Onde há pedra, onde há serpe, o tojo, a chuva e o vento.

Prenda-me agora, mais que a terra, o firmamento;
O que inda há por sofrer, sofrer, a falar baixinho
Com as estrelas; rasteje humilhado e mesquinho
Aos pés de cada altar; só meu gozo e alimento

Seja a oração; deserte o mundo; ermado e triste,
Viva só para a Fé, e ali só para a Saudade;
Nunca me hei de elevar à altura a que subistes

Nunca mais te hei de ver! Entre nós ambos corre,
A extremar-te de mim, a tua eternidade;
A extremar-me de ti, tudo o que é humano e morre.

MINHA MÃE

Talvez se abriu na luz da tua aurora
Um sol de amor, teu santo olhar doirando
Foste bela, talvez, — triste e pensando
E's hoje a mãe que em desespero chora.

Nessa adorada face que descora
Hoje a vigília e as rugas vão sulcando
Viu meu pai essa luz que ainda agora
Vai seu páldio inverno alumiando.

E amaste e foste amada, e mãe na vida
Não houve nunca que aflições materna
Mas elevassem, desse amor nascida;

Pois com teu sábio exemplo nos governas
E nos beijamos esta face ungida
E orvalhada de lágrimas eternas.

DULCES CADENAS

El hombre, prisionero voluntario,
Dará su libertad eternamente
Por vivir en prision como el canario.
Carpenter

Melhor cantei quando, cativo, outrora,
Meus carmes modulava acompanhado
Do som das elos do grilhão dourado,
Com que então me prendeu gentil senhora.

Eu era qual, perdendo o espaço fora,
E' o pássaro que, subito apanhado,
Em cárcere de arame empoleirado,
Suspira e melhor canta ou melhor chora.

Tornando agora a antiga liberdade,
Como aquela ave que, liberta um dia,
Mal sabe onde se vai no voar ligeiro,

Sinto que nos meus cantos se há poesia.
E' toda esta poesia a da saudade
Do tempo em que vivia prisioneiro.

DENTRO DA NOITE

— Levei-me, ó nuvens de asas rápidas
Que no alto vens.
Nuvens desenfreadas, nuvens
Tempestuosas! — Não te levaremos.

— Levei-me, ó ventos que aos longínquos
Pontos extremos
Ides do céu, ventos horridos,
Ventos da noite! — Não te levaremos.

— Levei-me, ó corvos de asas lúgubras,
Sinistros remos
Com que sulcais o oceano interminoso
De ondas aéreas! — Não te levaremos.

— Deixai-me, ó dor, mortais angústias,
Males supremos,
Visões de horror, fantasmas tétricos,
Sombras, espectros! — Não te deixaremos!

A' QUE SE FOI

I
Foi para melhores climas,
Que o médico em voz austera:
— "E' já levá-la", dissera,
"Para as montanhas de Minas".

II
Ficou deserta a casinha,
Inda a lembrar tristemente
O vulto esguio da doente
E o longo adeus que lhe ouvira.

III
O noivo, que mal sabia
Da noiva a sorte funesta,
Com o coração todo em festa,
De longe a abraçava vinha.

IV
Dão-lhe a nova da partida,
E ao verem que lhe rebentam
As lágrimas, acrescentam:
— "Foi para melhores climas!"

V
Lá vai às serras de Minas,
Lá vai da noiva em procura;
Ora achá-la conjectura
Morta, e ora risonha e viva.

VI
Depois de horas de afiliva
Imagência e pena estranha,
Vê, montanha por montanha,
Longe as montanhas de Minas.

VII
As palmeiras que lá em cima
Segredam com a imensidade;
Pergunta em louca ansiedade:
— "Ela está morta ou está viva?"

VIII
E as palmeiras no alto erguidas
Respondem-lhe, balouçando,
E o azul do céu apontando:
— "Foi para melhores climas!"

DEPOIS DO AGUACEIRO

Passou, a nuvem, desfez-se em lágrimas,
— Soltos diamantes, pérolas soltas
Que o sol agora
Faz cintilar.

Uma das folhas rebrilha no ápice,
Outras, esparsas, lá veem as voltas,
(Alguem as chora?)
No chão rolar.

Assim num rosto por onde rápida
Passou a sombra que exulcerantes
Máguas e o afogo
Trai de um pesar.

Brinca um sorriso por entre lágrimas,
— Pérolas soltas, soltos diamantes
Líquidos, logo
Desfeitos no ar.

FONTE OCULTA

Entre umas pedras metida,
Rolando clara e modesta,
No coração da floresta
Vive uma fonte escondida.

Recessa de ser ouvida,
Talvez abafando um ai,
Quase sem queixa ou murmúrio
Fluindo vai;

E de ser vista recessa,
O vivo fio adelaça;
E assim ignorada passa,
Passa ligeira e medrosa.

Tal em alma desditosa
Que já não ama nem crê,
Se escoa um fio de lágrimas
Que ninguém vê...

A VOZ DAS ARVORES

Acordo à noite assustado.
Ouço lá fora um lamento...
Quem geme tão tarde? O vento?
Não. E' um canto prolongado,
— Itino imenso a envolver toda a montanha;
São em música estranha
Jamais ouvida,
As árvores ao luar que nasce e se beija,
Em ardida cantando,
Como um bando
De vozes numa igreja:
Margarida! Margarida!

AS POESIAS DE ALBERTO DE OLIVEIRA -- José Verissimo

Da "nova geração" de poetas tão finamente descrita por Machado de Assis, num artigo da "Revista Brasileira" de 1879, é o sr. Alberto de Oliveira o que mais cabalmente lhe tem justificado os prognósticos auspiciosos, o que mais e melhor de si deu. Críticos há que contestam a velha opinião de que poetas nascem e não se fazem, sustentando que também se fazem pelo estudo e aplicação. A contestação só parcialmente me parece aceitável. Ao cabo de pouco efeito será a aplicação servida por escasso estro. Mas estou que, ainda grande, precisa este de estudo para que se não desperdice numa obra someros.

Na poesia brasileira, creio, se tem dado muito maior importância ao estro que ao estudo. Dai os já incontáveis poetas numa literatura pobre como e forçosamente a nossa. Felizmente o tempo, a crítica, não só a dos profissionais mas a de toda a gente, para esse efeito talvez a melhor, os vai selecionando e ao cabo de uma ou duas gerações salvam-se apenas algumas obras, bastantes às nossas necessidades sentimentais e estéticas. Porque é esta, penso eu, a verdadeira função do poeta, se alguma se lhe há de atribuir, dar aos nossos próprios sentimentos a expressão que nos lhes não sabemos achar, interpretar-nos a nós mesmos, e explicar-nos a íntima essência do universo, refletido nas suas almas de eleição. O que se limita a nos deliciar o ouvido com a música de seus versos, a nos informar sem comover-nos dos seus amores ou desgraças, a pintar cenas e atos humanos, deixando-nos indiferentes, esse tal não é poeta. O povo não quer de todo quando vê ou quer do poeta um ente de exceção, um irregular. Somente lhe falta a crítica quando lhe toma por sinal de génio a extravagância, que frequentemente mal lhe disfarça a inopia.

O sr. Alberto de Oliveira, que é um verdadeiro e um distinto poeta, plenamente me justifica estes assertos. Compreende que para o ser lhe não bastava o formoso estro natural, e aplicou-se a desenvolvê-lo e enriqueceu-o pelo estudo e meditação. Ainda em antes talvez de ser o leitor que é dos nossos clássicos sentiria intuitivamente aquilo do seu Ferreira:

Muito, ó Poeta, o enuenho pode
[dar-te,
Mas muito mais que o enuenho,
[o tempo e estudo.
Não queiras de ti logo conten-
[tar-te.

Sem embevecer-se com os aplausos recebidos às suas primeiras obras, nem descansar nessas primeiras palmas, que a tantos desvaíram, prosseguiu a sua carreira de poeta com uma constância e aplicação, uma sequência de trabalho mental, e um nobre estímulo do progresso, de que me não lembra outro exemplo nestes quarenta anos mais próximos. Dos poetas daquela "nova geração" é de fato o sr. Alberto de Oliveira o único que, sem sair do seu ofício, poderia dizer como Vitor Hugo: "J'ai grandi".

Com a declaração de edição definitiva, publicou em 1900, selecionados e corrigidos, três dos seus primeiros livros de versos, aumentada de dois poemas inéditos, um dos quais, o "Livro de Ema", trazia alguma coisa de novo no sentimento e no tom. A série seguinte (1906) acentuava a feliz modificação que se ia fazendo no estro do

poeta. Mais liberto do preconceito parnasiano, com demasia de confiança acreditada, lucrava maior intensidade de emoção. Sentimento e estilo lhe apareciam mais desenvolvidos, mais livres, em vários poemas até algo despojados, sem quebra aliás do decoro da emoção ou da expressão.

Com mais viva e mais forte sensação da natureza, era essa nota simples, mesmo singela às vezes, familiar, tão ingênua quanto o comporta o nosso engenho poético, a dominante do livro, revelando no poeta não só feliz mudança mas progresso sensível na essência de sua inspiração e nos seus meios de comunicação. Esse novo estilo, novo nele e novo também na nossa mais recente poesia, iniciada aliás com o "Livro de Ema", não se afirmou, contudo, quanto me parece fora de desajuste, na terceira série ora publicada de suas "Poesias". Todavia não esmoreceu, e há dele mostras excelentes em pequenos poemas que são talvez a parte mais deliciosa do livro como "Noivos", "Caminho da Vida", "Plenitudo de Malo", "Vigília", "O vento da estiva", "O vestido branco" e outros mais.

Esta nova maneira do sr. Alberto de Oliveira contrasta singularmente com a maneira pomposa que (digo-o sem alardismo humilde depreciativo) lhe é talvez, mais congenial. Pena é que às vezes lhe prejudique a encantadora singeleza o requinte, quase direi a rebuça da expressão, no feito clássico, constante em todo este livro.

Desde a segunda série das suas "Poesias" era evidente no sr. Alberto de Oliveira a preocupação de entusiasmismo, não somente de linguagem e estilo, mas aliás de sentimento e de poética.

O boleio da sua frase entra a destor do das suas primeiras coleções de versos, e da nossa poética nacional, o seu vocabulário enriqueceu-se de expressões vernáculas senão obsoletas pouco usadas, alguns dos seus sonetos revelam o trabalho de imitação de formas ginhelísticas e arcaísmos poéticos. De mais põe em vigor muitos métricos quase aqui de todo abandonados, e até menosprezados pelos nossos poetas, como o verso branco — de que neste último livro há fartos exemplos, — e as estrofes de versos tonantes.

Mas, mestre do verso, não lhe repugnam as inovações, como o seu casticismo poderia inculcar. E por igual com o antiquado verso branco pratica o novíssimo verso livre, com a mesma facilidade e perfeição.

Não sei, aliás, se este verso, preconizado pelos simbolistas e decadentistas franceses, não encontrará acorçoamento na velha métrica portuguesa. E que a nossa língua se presta bem a ele, acaso melhor que a francesa, mostram-nos estas tentativas do sr. Alberto de Oliveira.

Estes diversos rasgos da poesia do sr. Alberto de Oliveira lhe conferem uma particular distinção, não direi entre os milhares de versejadores que por aí há, mas ainda entre os melhores dos nossos poetas e fazem dele hoje o nosso poeta clássico, no grande sentido da palavra. E' curioso que, não obstante o seu gosto pelo casticismo de linguagem e de sentimento, ele se não parece com algum dos poetas portugueses mais modernos.

Apenas se lhes pode notar nos poemas em versos brancos,

e de natureza bucólica, como a formosa "Flor Azul", acaso ligeiro demasiado decoro do velho Castilho.

Como o seu sentimento e estilo poético, o seu pensamento, fortalecido por meditadas leituras e bons estudos, também se lhe apura neste livro. Sem cair no erro da chamada poesia científica ou sociológica, e quejandas extravagâncias, antes ficando sempre o poeta excelente que é, sente-se-lhe todavia no pensamento poético a impressão das últimas diversas correntes do pensamento chamado moderno. E' este misto de modernismo e classicismo no pensamento e na expressão que acaba de dar ao sr. Alberto de Oliveira a última distinção.

Para mostrá-lo só me embargaria a escolha. Não sei por exemplo se o sr. Alberto de Oliveira já teria dado de seu estro manifestação mais bela, mais exata e sobretudo mais sincera que a sua "Ode ao Sol". Não recusasse eu ao verso das comparações literárias, sempre falazes, não hesitaria em dizer que lhe acho muito mais valor poético do que no famoso hino ao Sol do falso Hugo do "Chantecier". Em outra ordem de idéias poéticas, é primoroso o poema "Natalia", de um fino e tocante sentimento relevado ainda pela rara beleza da expressão.

Certo panteísmo, ainda vago, ainda impreciso, e mesmo ainda superficial que se entremos-trava na segunda série das "Poesias" do sr. Alberto de Oliveira, não tem ainda nestas manifestações tão expressivas que justifiçassem a qualificação de panteísmo aplicada aos seus versos inspirados da natureza. Intensifica-se entretanto com a melancolia, a tristeza, que chega a ser dolorosa, se bem nunca se desmanche em lamurienta, que é o rasgo característico destes seus novos poemas.

Esta íntima melancolia, que não é a acédia da vida ou o desalento dos nossos segundos românticos, mas antes a punjadora saudade da mocidade que passa, dá a estes últimos versos do sr. Alberto de Oliveira o seu traço novo e distinto, feito de tristeza e saudade, tristeza sem amargura, saudade sem desespero.

.....O' mocidade morta,
Tua essência não mais me enleva
[e me transporta.
Despendeu-se de mim, como ao
[casulo esquece
Alada a borboleta, e dondeja e
[espáireco:
Mas consola-me ver que no uni-
[verso imenso
Ela, qual fofo em fumo e a cinza
[deixa o incenso,
Não se perdeu, nem jaz inátil e
[esquecida,
Como um resíduo vão que flutuasse
[da vida:
Consola-me saber que ela no solo
[reverte
Onde, da poeta no Sol, nada há
[infecundo e incerto
E onde ora abre na flor, sorrindo
[palpita: néscia
Numa sombra e arrebol: un-
[dula e fremo; em rios
Borboleta espumelando; em aura
[nos murmúrios,
Perpassa: é do lampião, é da ar-
[dentia o lume,
Voz da seiva e do mar, e rântico
[e perfume.

E' sempre assim, terso, harmonioso, chelo e expressivo o verso do sr. Alberto de Oliveira, e é sempre assim apurado e seletivo o seu pensamento poético.

DUAS POESIAS de Alberto de Oliveira

ASPIRAÇÃO

Ser palmeira! existir num pináculo azulado,
Vendo as nuvens mais perto e as estrelas em bando;
Dar ao sopra do mar o seio perfumado,
Ora os leques abrindo, ora os leques fechando;

Só de meu cimo, só de meu trono, os rumores
Do dia ouvir, nascendo o primeiro arrebol,
E no azul dialogar com o espírito das flores,
Que invisível ascende e vai falar ao sol;

Sentir romper do vale o a meus pés, rumoroso,
Dilatar-se a cantar a alma sonora e quente
Das árvores, que em flor abre a manha e a rosa,
Dos rios, onde luz todo o esplendor do Oriente;

E juntando a essa voz o glorioso murmúrio
De minha fronde e abrindo ao largo espaço os véus,
Ir com ela através do horizonte purpúreo
E penetrar nos céus;

Ser palmeira, depois de homem ter sido! est' alma
Que vibra em mim, sentir que novamente vibra,
E eu a espalmo a tremer nas folhas, palma a palma,
E a distendo, a subir num caule, fibra a fibra;

E à noite, enquanto o luar sobre os meus leques
[itreme,
E estranho sentimento, ou pena ou mágoa ou dó,
Tudo tem, e na sombra, ora ou soluça ou geme,
E, como um pavilhão, velo lá em cimo eu só;

Que bom dizer então bem alto ao firmamento
O que outrora jamais — heinam — dizer não pude,
Da menor sensação ao máximo tormento
Quanto passa através minha existência rude!

E, esfolhando-me ao vento, indômita e selvagem,
Quando aos arrancos vem bufando o temporal,
— Poeta — bramir então à noturna balagem
Meu canto triunfal!

E isto que aqui não digo então dizer: — que te amo,
Mãe natureza! mas de modo tal que o entendas,
Como entendes a voz do pássaro no ramo
E o eco que tem no oceano as borrascas tremendas;

E pedir que, ou no sol, a cuja luz referves,
Ou no verme do chão ou na flor que sorri,
Mala tarde, em qualquer tempo, a minh'alma con-
[serves,

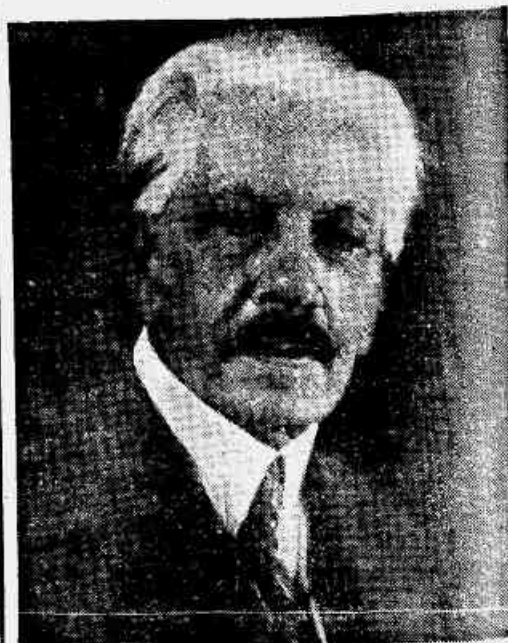
Para que eternamente eu me lembre de ti!

DENTRO DO SONHO

Tanto de sonho lhe háo chamado à vida
Que por sonho eu a tenho e me convenço
Que tudo nela é sonho, breve ou extenso
Pouco importa querida.

Foi sonho aquela vez primeira que nos vimos,
A última, sonho foi; sonho o primeiro abraço
Em que os dois nos unimos;
Sonho o dia em que tu entraste por meu braço
Num templo, e logo após na casa, que foi nossa,
Sonho o ver-me então moço e o ver-te também
[moça...

Vinte anos todos de felicidade!
E de improviso tudo acaba, tudo...
Mas esta dor sem fim, esta saudade,
— Aquele golpe rudo,
— Trede e medonho,
— Devo-me conformar — não passou tudo
De um sonho que sonhei dentro do grande Sonho



Alberto de Oliveira, num retrato da velhice

O GRANDE CANTOR DA NATUREZA - D. MILANO

O parnasianismo no Brasil viveu em volta de si um ambiente de glória, que os poetas de outras épocas, de outras escolas, não lograram respirar. A atitude altaneira dos parnasianos impunha respeito ao público inocente, de um modo bem diverso do sucesso um tanto hesitante dos poetas de hoje.

Essa literatura, bem o sabemos, não foi um bom exemplo, não nasceu de um imperativo da época, sendo de uma falsa elegância artística de caráter puramente formal. Não representava um movimento do espírito humano, como o grande glosismo, que marca na história da humanidade um de seus instantes máximos, tanto assim que a sua duração foi superior e sua ressonância ficou para sempre ecoando na alma dos homens como uma desespirada aspiração. Foi a única escola que pôde pesar na balança da Arte de modo a contrabalançar o Classicismo, o eterno Classicismo.

A escola é passageira... A poesia sempre volta. Mas sempre que há desordem, é o vento do romantismo que sopra na terra, destruindo, arrasando, subvertendo.

São essas duas tendências do espírito — as reais, verdadeiras, indispensáveis; as outras escórias, sub-escórias não passam de pedras poeiras mais ou menos finas dessas duas árvores. Simbolismo, futurismo, supramatismo, não são ramos, desdobramentos raquíticos da imensa árvore romântica.

O romantismo de nossa época, essa dissociação, esse espírito de revolta que já vai cavando as asas e apela para um crasso mistério, uma liberação dos sentidos. Mas onde a força do vento? Nem se sabe bem para que lado ele sopra.

Tem a grande verdade da Arte, então, como a grande verdade da vida, no entrelaçamento das folhas e de ambas as direções, como alma e corpo, espírito e matéria. Suas diferenças não os separam, sua união é profunda.

Além o sopra do romantismo nem do princípio dos tempos, remonta às próprias eras clássicas, nas tranças de Esquilo e Sófocles, depois nos brados eternos dos profetas bíblicos, mais tarde nas visões dantescas, nos amores shakespearianos até atingir o auge na aparição de Werther sobre a terra, numilhado de uma multidão de suicidas.

Tanto o Classicismo como o Romantismo têm os seus profetas, os seus filósofos, os seus heróis, a sua civilização, em suma. São duas religiões, sacrificando ao mesmo deus ou ao mesmo demônio do espírito humano. Porque todos os homens são artistas natos que a dureza da existência distrai para mistérios e ganhapães sem importância maior. Parecem verdades e irramente comerciantes, banqueiros, adonçados, operários, no fundo, em seu íntimo, são românticos rasgados, quando não recatados clássicos. Que mundo de poetas degenerados.

Alberto de Oliveira foi o mestre incontestável de todos os poetas brasileiros do post-romantismo. Mostrou-se perito na arte de versificar, no que residia toda a importância "poética" de sua escola. Possuía uma técnica em aparência insuperável, e a sua grande certeza de si substituiu a atitude tímida, titubante, dos nossos românticos que queriam libertar tudo, até a língua, mas só eram osados na descolocação dos pronomes e em algumas hipóteses; no fundo pareciam revelar o luso idioma com sua cadência de palmaria.

Alberto enriqueceu e explorou sem medo uma renovada linguagem, rompeu épocas, abriu horizontes na mata. Sua figura poética é a de um lenhador incansável. Por vezes os murmú-

rios de sua voz deixam a impressão agradável da sombra de uma mangueira carregada de frutos e de pássaros. "Ser palmeira" devia ser realmente uma aspiração desse poeta da natureza.

Alberto principiou romântico e acabou parnasiano, mas nunca a primeira tendência se apagou no seu espírito. Aliás esse é um mal brasileiro. Creio que não há brasileiro que não seja romântico. Talvez se possa mesmo dizer: esse é um mal universal; não há homem que não seja romântico. "Quem que es, no é romântico?" exclamou certa vez Ruben Dario.

Entretanto, tal disparidade de conduta dá à obra de Alberto uma certa falta de unidade, tanto na forma como na essência. Val do mais formalístico exercício do puro virtuosismo de mais fáceis rimas da musa pedestre e doméstica. Entre os dois extremos, produziu algumas poesias que se tornaram antológicas. Seus versos são os melhores da língua que ele desenvolveu e dignificou. Devemos não esquecer que os parnasianos tiveram também um papel importante no desenvolvimento da fala brasileira. Eles se afastaram léguas de Portugal, embora ao quando em vez sofressem certa influência dos chamados "clássicos" portugueses, sempre atrapalhados, não com as idéias, mas com os impetuosos da língua, devotos de uma arte gramatical. (Exceção-se o universal Camões). Abundam então os perifrásticos rodeios, as penosas inversões, todos os vícios e desengonços dos "puristas" para os quais a gramática era tudo e a poesia quase nada, até talvez a força da ideia atrapalhasse o primeiro circunlóquio.

At então o mau estilo trazia consigo os maus versos e a poesia de Alberto se transformava em mera "prosa rimada". Rotava em verso os episódios mais prosaicos e desinteressantes, mais por vício de rimar que por necessidade poética. Faço essas restrições somente porque acho que um poeta deve ser visto, tendo sempre em mira a influência que pode exercer. Sem dúvida, parece ter passado por inteiro o perigo da influência parnasiana. Curioso é notar, entretanto, que o parnasianismo não deu uma constelação de poetas — Alberto, Raimundo, Bilac, Delino — que embora seguindo uma das piores escolas que já existiram, possuíam tamanha riqueza de expressão, tanto sentimento brasileiro, tal beleza plástica, às vezes que até hoje ninguém os pode dentificar de seu alto lugar no Parnaso. O verdadeiro papel desses desbravadores foi o de preparar as gerações futuras para as grandes migrações. Deram-nos melhores asas. Digo migrações porque a tendência do poeta é universalizar-se, ultrapassar as fronteiras, romper as distâncias.

Sem dúvida Alberto de Oliveira é um dos nossos poetas maiores, um verdadeiro mestre. Esse sim, que tinha talhe de palmeira e usava uma folhagem triunfal sobre a cabeça. Ainda me lembro da sua figura elevada, e sempre que olho para uma palmeira me vem a recordação de seu verso:

"Ser palmeira, existir num pináculo
lançado..."

Alberto de Oliveira foi entre nós o grande cantor da natureza, não em descrições frias, mas integrado nela, misturando sua voz à do arvoredo, e por vezes esse amor se transfigurava e universalizava:

"A expressão merencória e dorida
(deixa)

De seu olhar não ficará perdida.

Guardou-a o Céu. Lá, pela eterni-

(tira)

De astros, nos campos do Eter des-

(gusta).

Um pagão panteísta - Tristão da Cunha

Alberto de Oliveira é o nosso maior poeta vivo. E tem de particular o não ser mais que um poeta. A poesia deu-lhe toda a sua atividade intelectual. Desdenhoso de qualquer outra ocupação, basta-lhe compor versos magníficos. No seu retiro florido, à sombra de grandes mangueiras, em meio ao coro das cigarras que são como a voz do sol, o poeta escuta os mil ruídos estíves, e canta.

Sua obra é um hino à vida, e ainda aqui ele se mostra original, normemente entre os da sua geração, ainda marcados do pessimismo elegiaco dos nossos românticos. Ao contrário de Raimundo Correia, sujeito à má saúde e à saudade das horas não vividas, ou daqueles ainda que amputam a arte às medidas de instrumento de diagnóstico social e pedagógico, Alberto de Oliveira é essencialmente um pagão panteísta, claro, amoroso da vida. É um pintor, um colorista surtado, um Plácido. Ignora aquele desvio metafísico que leva o homem a abandonar-se à terra e encontrar nela o seu contentamento. Sabe que o infinito está em nós mesmos, em cada minuto é em cada objeto.

Sua melancolia nada tem do luto dos deprimidos, ou dos exilados do alem. É a nostalgia dos dias luminosos, a pena de se saber contíguos, uma saudade física de amante à lembrar-se dum lindo corpo amado. Ainda nas horas de tristeza, tem a serenidade do artista. Equilibrado e igual, banha-se nas coisas vivas e penetra-se delas amorosamente. Ignora a angústia cósmica, anda em harmonia com a criação. Anel da corrente sem fim, vive a vida universal. Se lhe acontece aspirar à imortalidade, nunca será como a uma compensação ou a um medicamento contra a existência, mas sim como a um prolongamento desta, à sua proteção humilde e perpétua. A mesma noite, imagem da morte, será para este poeta salutar e revivificante, rica de estros e de sonhos, e de esperança no sol. Vai isso longe dos terrores eclesiásticos e das trevas eternas. "Tudo é passamento", diz, com as Nuvens. Mas logo afunda: "Tudo é 'unacimento', e é esta a nota mais alta e consoladora de sua arte.

Ora, todo o ser profundamente vivo é profundamente amoroso, que o amor é criação, afirmação de vida e luta eterna contra a morte. Por isso a poesia de Alberto de Oliveira é essencialmente erótica. Nela, como em Camões, segundo observou tão finamente Nabuco, poesia e amor são sinônimos, como dois aspectos da divindade que possui o homem. Através de todas as coisas o poeta vê sorrir Eros universal, animador e transfigurador.

Mas o amor, por sua mesma generalidade, é banal, tanta vez feio. Seu espetáculo só começa a nos comover por obra da volúpia, que faz dele uma arte, ou pela profundidade e grandiosidade do desejo, que fazem dele uma religião. É assim que eu vejo o Dor-te.

É a poesia de Alberto de Oliveira parece-me cheia deste erotismo sobrehumano. Afasta-se tanto daquela tumbescência verbal ou epidérmica ostentada por grande soma dos nossos poetas, como do sombrio peca-

do medieval, com seus gossos perversos e defeitos. Aquele a puro amor antigo. Moem-no o pasto e o desejo de tudo, e acaba casto à força de intensidade e de universalidade. Todas as formas vitais o perturbam amorosamente. E a beleza feminina é como a flor que encerra a essência de todas as belezas criadas.

Amor assim é a um tempo físico e metafísico, sensual, durma sensualidade transcendente, religiosa. Tudo por ele torna a ser ingênuo e divino, tudo é ato de adoração. O espasmo amoroso acaba em êxtase místico. É a paixão de Santa Teresa.

Lede as páginas de Alberto de Oliveira em que nos dá os sentimentos do poeta adolescente entre a maravilha da floresta, a verigem dos perfumes naturais, envolvendo a imagem da virgem amada, e não tercia surpresa em ver que esta voz surge, não como estranho transeunte, mas como ninfa verdadeira, emanando da verdade e pronta a perder-se na verdade. E respirar a volúpia de viver numa embriaguez única, feminina e vegetal.

Primeiro em data entre os nossos grandes poetas encontra Alberto de Oliveira este otimismo físico, esta ventura na natureza. Ao invés de Machado de Assis e outros mais, que a transplantação ou os cruzamentos esportam, impondo-lhes fatalidades étnicas e os terrores obscuros lhes vedam a paisagem natural, este, como leu Graça Aranha um puro ariano, trazendo o duplo benefício do

ativismo europeu, emancipado, sobre ver no prodígio tropical um perpétuo motivo de alegria e arte. E no seu meio se rião facilmente, como espírito curioso e livre, que não como eretico submissa ou revoltada. Não há mais aqui o íntimo das coisas, nem mesmo o desconhecimento delas. Há um amorado da terra, gozando magnificamente os dons desta e do sol. Alberto de Oliveira representa bem o homem de amanhã, o neomediterrâneo dos trópicos, a nova raça nascida dos descobridores triunfantes.

E com todas estas novidades excelentes é um verdadeiro clássico, pela precisão da linguagem, firmeza de expressão, intelectualidade. Melhor que nenhum outro possui a fundo o seu ofício, domina-o e o faz trabalhar por seus fins. Nunca se deixa levar pelas palavras, das quais seu pensamento se faz obedecer estafante. Se possui a língua, é para o servir, não para ser seu servo.

Seus primeiros versos ligavam-no ao parnasianismo, porém logo se libertou da atitude impassível, guardando sempre as virtudes de gosto, de medida na emoção. Nenhuma ênfase, mas, coisa bem mais preciosa, uma vibração contida, uma força dominada e sempre presente, um dizer sempre rico de substância poética.

Alguns sonetos seus, iguais aos melhores dos mestres de outrora, lentíssimos diamantes do nosso idioma, resumem a paisagem magnífica em forma perfeita.

Londres, Fevereiro de 1920.

SONHO

De onde a conheço? De um sonho
Misterioso e fugitivo.
Vi-a, e loucura suponha,
Mas rematada loucura,
Achar no mundo em que vivo
Tal criatura.

Era tão meiga e tão linda!
Amo-a. Amor assim profundo
Não houve nunca no mundo!
E uma esperança não ponho
Na ideia de vê-la ainda...
Nem mesmo em sonho.

Alberto de Oliveira

UM SONETO "FAC-SIMILE" DE ALBERTO DE OLIVEIRA

M. L. J.

Esta não é a tua alma, que a luz, a
Deus, que a tua alma, que a luz, a
Deus, que a tua alma, que a luz, a
Deus, que a tua alma, que a luz, a

Deus, que a tua alma, que a luz, a
Deus, que a tua alma, que a luz, a
Deus, que a tua alma, que a luz, a
Deus, que a tua alma, que a luz, a

Deus, que a tua alma, que a luz, a
Deus, que a tua alma, que a luz, a
Deus, que a tua alma, que a luz, a
Deus, que a tua alma, que a luz, a

Deus, que a tua alma, que a luz, a
Deus, que a tua alma, que a luz, a
Deus, que a tua alma, que a luz, a
Deus, que a tua alma, que a luz, a

Deus, que a tua alma, que a luz, a
Deus, que a tua alma, que a luz, a
Deus, que a tua alma, que a luz, a
Deus, que a tua alma, que a luz, a

Alberto de Oliveira, contista: "OS BRINCOS DE SARA"

De perfil como a via nesse momento, ali no salão, pa-
reia o padre Jerônimo que a cabe-
ça de Sara, a senhora do dr.
Rômulo, sob o toque de luz
refletida de cima, tinha qual-
quer coisa da cabeça das anti-
guas joias de vastos cabelos de
um tempo de searas ao sol.
Sara com bons olhos o padre
e não era a munda, era agora
que ao pé da janela, onde ficava,
recebendo a fresca da noite,
suspendeu-se a conversação com
a entrada de duas senhoras,
vizinhas provavelmente que
acabam a pequena festa fami-
liar em casa do honrado coleir
de rendas Pereira Norato, por
cuja frente um ano mais e ad-
miradores e amigos vinham

desfolhar as rosas e as senten-
ças do estilo.
A cabeça era realmente jo-
mosa, digna de inspirar verda-
deiros rasgos de pena, ou fan-
tel, se houvesse artistas nessa
pobre cidade do interior e pelo
tempo em que isto se dá.
Padre Jerônimo tinha descri-
do os olhos do alto, do opulen-
to loucado, onde notara um
cambiar de reflexos de diaman-
tes, e contornava agora o naco
da orelha, nua, junto à qual,
numa estirpa de ouro abando-
nada, brincavam os raios da
luz. Devia ser uma pérola
aquele pinga láteo e brilhante
que lá estava pendente do lo-
bo; falava-lhe a irmã, não a
podia ver, mas adivinhava-a,
caindo do outro lado, da mes-

ma altura, igual como igno-
ram as orelhas que as suspen-
diam.
Com que fim foram inventa-
dos os brincos?... As damas,
tanto as antigas como as mo-
dernas, lera em Plínio, costumam
trazer arrecadas pelo
prazer de ouvir o soido leve de
suas pérolas junto do ouvido;
mas São Francisco de Sales na
"Ídola devota", que Isaac, o
grande amigo de Deus, encerra
um desses mimos como arras
de seu amor à casta Rebeca de
onde conclue que esse orna-
mento místico significa que a
primeira coisa que um marido
deve alcançar da mulher, e que
esta lhe deve fielmente guar-
dar, é o ouvido, para que ne-
nhum rumor ou linguagem ai

penetre, senão o amável mur-
múrio das castas e padieus pa-
lavras que são as pérolas ori-
entais do Evangelho...
— Está triste, padre?
— Ah! distraia-me...
A pérola ficou um instante
sem o miramento dos olhos do
padre Jerônimo. A conversa-
ção realara-se. Falava-se de
política; aproximaram-se as
eleições. Pereira Norato esbo-
çava a fisionomia do candidato
da oposição.
— Vocês o conhecem, razo-
como uma calçada? Formou-se,
é verdade, é doutor, doutor na
ciência, como já ouvi dizer de
um; incapaz de sustentar uma
discussão, incapaz de abrir a
boca que não diga tolice, que

irá ele fazer na Câmara, no hi-
pótese de ser eleito?
— Qual eleito? tão certo co-
mo ser hoje o dia que é, está
derrotado!
— Homem, sempre tenho o
meu recibo...
Vozes protestaram: — Não
alcança em votos? — Certo.
Não alcança vinte! — Não
derrotado!
Rômulo era o candidato
oficial. Falou-se de suas en-
xadas, de seu fino político de
sua capacidade. Um dos na
roda, Argemiro Barbosa, re-
dava:
— Há de ser ele o eleito? há
de ser eleito o dr. Rômulo?
Ouvindo nunciar o nome,
Sara voltou-se na cadeira onde
se achava sentada; a pérola que
estava do outro lado, a que o
padre Jerônimo não tinha co-
dido ver, mas adivinhava, ve-
indo da mesma altura, e
como igno-ram as orelhas que
as suspendiam a ela, a pé-
rola, surgia desta vez com os
olhos, dançando ligei-mente
quenos lóbo de uivete.
Não eram as cortas e as
palavras da Santa Eulália
que andavam na sala, mas
o nome do dr. Rômulo, e
padre Jerônimo achou que
que Sara voltasse a cabeça, au-
toral ao mesmo que pregar,
devia aquele par de olhos
gregos na figura tosa de Argemiro
Barbosa que, enfado, não
na cara do coleir, repetia o
jêto.
— Não tem que ver, de
ser eleito o dr. Rômulo?
Mas chegaram novas: a
a Torres com a filha, a
da agência do correio, os
Barros, a família Moreira, as
senhoras acompanhadas de um
rapaz gordo, o Alencar,
muito baixo, achaparrado
corpo. Norato saluava-as
para a porta, e todo o salão
recebendo as felicitações, o
salão animava-se. As
formavam-se grupos. Conversa-
criados irrompiam do meio
estudado. De fora, pelas
las abertas, entrava o ar quente,
impregnado de um cheiro
de jasmim e de trepadeiras.
Súbito fez-se ouvir o ruído
hoar, um resaca de vento
no salão. Ensurdeceu o barulho.
Padre Jerônimo deu a
ta de Argemiro Barbosa, re-
lanceou os olhos e se lembrou
lo sculdo ao pé de Sara, re-
gritando-lhe alguma coisa an-
eu do. Sara sorria. Não tinha
certamente as castas e padieus
palavras de que fala a "Ídola
devota", eram outras, mais
beas electoras, ou coisa que
volta. Modificação necessária
dos tempos. A pérola, por
ziam nua, encoberta com a
luz a outra pelo que, de
Argemiro, dançava a pérola
orelha de naco, as rônadas
le Sara, como justicadas a
opinião exarada em Plínio.
Mas ao lado, na cadeira
la, cochilavam duas senhoras;
eram as Moreiras, duas
reletradas que, quando das
umas diziam, teimavam em
solteiras, franzendo as
contra o casamento, como
labilidade que é. Padre Jerô-
mo encia de uma a palavra
— Estando! — dita com
e deviam os olhos das
das e dos olhos de Sara.
(Continua na página 119)



As "POESIAS" de Alberto de Oliveira - Olavo Bilac

Com as mais belas rosas da primavera, em outubro, apareceu um novo livro de Alberto de Oliveira.

Um novo livro de versos... Alguns se publicam por aí, no vasto Brasil tão cheio de sabiões e de poetas! Nesta semana em que o cortejo não traga dois ou três volumes, quase todos diferentes, apenas na polítromia das estrofas e na polítromia dos títulos e iguais na futilidade ou na insignificância do texto... Suponho que é o Brasil, de todo o planeta, o país em que mais volumes de versos se imprimem: não há estudante que não ameje ver o seu nome fulgurando à frente de uma coleção de poesias; e só Deus sabe as vezes que soma de sacrifícios dolorosos representa a publicação desses folhetos que não têm lé.

Mas um novo livro de versos de Alberto de Oliveira! que lembrada fortuna e que encanto sortido!

Para ler as "Novas Poesias" desse amado Poeta, escolhi um pequeno e claro domingo, de verão e céu escampado: meti o volume debaixo do braço e fugi para a poeira das demolições, da partida da cidade, aos apertos da gente endomada, misto para o alto das Palmeiras. Foi à sombra de uma árvore velha, em cuja copa chilriava ave, ao pé do velho sapão em que a água limpida saltava e sobre o qual balçavam as borboletas, que percorri com uma delícia crescente o livro suave.

Em torno de mim, a Vida das árvores, das águas, da luz, das aves, dos insetos borborinhava e rugia; e, como o livro me falava justamente de tudo isso, — de cursos de água cantante, de rios cheios de ninhos, de galos de passaros, de luz e de amores, — eu tinha a ilusão de estar vendo, compendiada e fixada, por milagre, nas trezentas páginas do volume que lia, toda a força e toda a meiguice da Natureza que me cercava.

Alberto de Oliveira não é somente o maior dos nossos poetas vivos: é também, depois da publicação desta segunda série das suas "Poesias", o mais "brasileiro" de todos os poetas do Brasil.

É verdade que o volume abre

com um soneto de assunto clássico, "Taça de Coral", — um soneto que me dá a impressão de estar ali envergando e tímido, achando-se com razão "deslocado", entre companheiros de outra raça, de outra idade e de outra idade. É uma composição em que se admira a antiga "maneira" do poeta, — o seu amor do exotismo, e o seu brilhante e raro talento de evocação... Mas, logo ao voltar da primeira página, como estamos longe da Grécia, das deusas do Olimpo, dos pastores da Arcádia, das paisagens dos homens e das coisas da Helade!

Ninguém, como Alberto de Oliveira, soube jamais compreender e amar o esplendor desta abençoada terra; no seu novo livro, o amor do Brasil palpita em cada verso, estremece em cada sílaba, cintila em cada rima.

Várias mulheres e vários amores povoam e animam estes versos: mas sente-se bem que todas elas se confundem e resumem na grande Mulher, entre todas amada, que é a Terra, e que todos eles se reduzem e apuram no grande Amor, entre todas sincera, que é o da Terra.

Em Alberto de Oliveira, o lirismo é inseparável da geografia. Todas as suas imagens, todas as suas metáforas, hiperboles e amplificações relacionam-se com esse culto, com esse "nativismo", que é, por assim dizer, a forma apurada e exagerada do seu pantefismo. Alberto é, antes de tudo, um apaixonado cantor da Terra Brasileira. Vede-o, aqui celebrando os amores de uma flor e de um inseto, ali exaltando a beleza da copa verde de uma gigante da mata, além o mundo de afeitos e de carícias que há dentro de um ninho de musgo, adiante entoando um hino ao luar...

Idê folheando o livro. Aqui o poeta tomando para confidente dos seus amores uma montanha:

"Assim eu falo... Eis que um solista amigo Substirre ao meu responde, — crua testante! Pubava em ânsias, a chorar comigo. O coração de pedra da montanha!" Vede-o agora, lamentando a sorte de uma pobre "Árvore Seca":

"Sobre a despenhadeira debruçada, Retorcida, convulsa, imensa, Com as raízes já frôcas, e mirtada, Está uma árvore anosa, e pensa..."

Agora, notai como o poeta compreende a misteriosa linguagem das coisas:

"A mala virgem, desgrahada em ventos, Eleva à noite a alma complexa e vãria. Do musgo humilde as grimpas da fazenda. Há talvez gritos, há talvez lamentos..."

E que lindas, que harmoniosas paisagens sabe ele pintar! Admirai este pequenino quadro:

"Sobre a serra erguida, Em frente, espíndido, aparece e brilha O sol. Loureja a ipê com as árvores flores..."

Lete nos profões fundos, indo ao fare Da caça, ao burnat dos capadores. Da fazenda a malilha. E no ar que sopra das copas escuras. Sente-se, de mistura a essências finas E ao cheiro das resinas, Um sabor acre de casca maduros..."

E este outro:

"Um chão de folhas sob um céu de flores. Eis a mata. Recebe-nos, a porta Do templo da verdura. Azul, trêfega, leve borboleta. Que, voando inquieta, Vai pelo alho, o espaço corta. E nos guia na selva espessa e escura. Outras almas choram de si e com. Vem-lhe ao encontro, fatilhando..."

Ve onde mais surprende O olhar se te demora! Olha estes ramos, a vergar com o peso Das lignóitas em flor; nã o distorce Entrelaçado de cipós, que os fios Lembram suspensas de uma aranha (sereno). Olha estes hirtos troncos, torcidos Olha, sobre outros, uns desmembrados. Outros renovos, ramos, semelhantes. Em contorcção, vultros de condensa-flores..."

Mas a composição, na qual mais ardentemente se avulta o temperamento deste poeta, é o poema "O Paraíba". O grande rio encontrou o seu Poeta! Estes alexandrinos, de uma nobreza sem par, cheios de intensidade e estonteante poesia da nossa terra não de ficar

na língua portuguesa como um monumento imprecioso: pô um grande artista da palavra, senão (e todos os segredos da linguagem e da métrica, poderia compor estes versos de uma sonoridade incomparável, em que há inauditas combinações de vogais, e estupendas parafrases de ritmos. Estas estrofes são, na poesia, o que a partitura dos "Mestres Cantores" é na música: uma obra-prima, uma maravilha de orquestração.

Lendo o poema, ouve-se o estrondo, vê-se o rebrilhar das águas do rio gigante, sente-se o perfume das selvas que se aboatam sobre ele, escuta-se-lhe o rebor nos grótes e nas fúrnas, e tem-se toda a alma levada no seu curso triunfal, despenhada em cascatas, espriada pelos sertões, estrangulada em socavões de montes, caída afinal no mar, — onde ele entra.

"Saudando os céus azues num formidável canto. Na divina embriaguez das forças eternas!"

O talento de Alberto de Oliveira está hoje em plena maturidade. Passou, para ele, a época brilhante, mas indecisa e ligeira da primavera; chegou agora o outono, sação bendita, em que as árvores se arceiam de frutos que amadurecem, e em que as almas realizam, sob uma forma esplêndida e definitiva, os seus melhores sonhos. Aqui está um Poeta, que deve ser mostrado como exemplo. E não só pela segura e radiante rota da sua evolução artística, — como ainda pela rara firmeza, com que soube conservar-se fiel à sua vocação e ao seu ideal.

Alberto sentiu-se Poeta, na idade em que lhe alvorecia a inteligência, e Poeta ficou sendo, alheio à sedução do jornalismo e da literatura ficul que o chamavam, sem trair uma só vez a sua nobre Musa. Quis ser apenas o que devia ser: um lírico, um apaixonado, um enternecido cantor das coisas belas da Vida. Toda a evolução do seu espírito se foi fazendo dentro desse ideal.

A Arte recompensa os que sabem amá-la e servi-la. Para a fidelidade deste Artista, aconou este prêmio sublime: a glória de ter completado a sua missão, chegando a ser, não um Poeta, de inspiração meramente subjetiva e egoísta, mas um Poeta da sua terra e da sua gente, — aliando à pureza da concepção a perfeição suprema da forma, afirmando-se, entre os do seu tempo, como o maior de todos, e de todos o mais "brasileiro".

("Kosmos", outubro, 1903).

CORRESPONDENCIA DE ESCRITORES

Carta a Jorge Jobim

Araçá, 16 de fevereiro de 1927.

Jorge,

Venho pedir-te me valhas em sério vezame por que estou passando diante do público e de mim mesmo, qual o de ver meu nome em lista de subscrição na imprensa para me ser levantado um monumento, ideia original de meu querido amigo Aloisio de Castro, em seu relatório do secretário geral, lido ultimamente na Academia Brasileira de Letras e que eu esperava não fosse alem, morrendo ali mesmo no nascedouro. Pelo que me contas em tua carta e pelo que aqui me acaba de ser mostrado em um número de "A Noite", vejo que Aloisio tem coração teimoso, querendo levar por diante o que me parecera apenas uma de suas gentilezas ou mero brinco de sua fantasia. O que sou, na conta exata em que me estimo, não pode perpetuar-se em bronze ou pedra, porque um sopro do tempo o levará como coisa sem peso. Além disso, a distinção conferida a quem outros títulos não tem que o abonem ou a justifiquem sendo alguns versos, viria agravar a ingratitude de havermos, até agora, deixado sem tal homenagem alguns nomes que nada alto depõem em favor de nossa cultura e são os mais representativos que ai temos nos últimos tempos, bastando dentre eles, como estrela de primeira grandeza, apontar um, o maior de todos e todo o Brasil: Rui Barbosa. Demais, não compreendo o alcance de render-se a quem ainda vive preto deste valor. Essas homenagens são e devem ser sempre postumas, embora haja aí destoante uma ou outra exceção. Pedra ou bronze na representação de figuras humanas, pastas em rias ou praças, parques ou jardins, diante dos olhos do público, à parte o seu valor ou significação de obras de arte, tem por fim corporizar, fixando a sucessão dos dias, imagem que a sucessão dos dias pode apagar. Os vivos, todos e todos os tem e os vós e de todos podem ser vistos. E como esta geralmente tem sido a regra, invertê-la ou contrariá-la, como lembrou o Aloisio, chega a parecer sério agouro.

Meu grado naturalíssimo escrupulo em versar tal assunto, achei que devia escrever estas linhas mais do que de desentimento, de protesto à ideia de que se trata. Pelas razões ao de leve expostas e outras mais ponderosas que te ocorrerão, aqui estou de mãos postas, meu caro Jorge, a suplicar-te demostre o poeta de "Rimário", nosso doce e querido companheiro e amigo, de sua iniciativa generosa e infeliz. — (d.) — Alberto de Oliveira"

Alberto de Oliveira, contista: Os brinco de Sara

(Continuação da pag. 118)

— Escândalo! a cidade está cheia dessa pouca vergonha!

— É a outra Moreira?

— Não lá, não! Aquela lá tinha vergonha por este mundo!

Que pouca vergonha seria esta a que se referia a Felícia?

— Moreira? Padre Jerônimo apertou o ouvido, mas era tarde e a pianista, uma senhora de cabelo, muito pálida e de longos dedos marmóreos e esguos, deu o sinal para a primeira quadrilha. Ergueram-se os po-

tes, mas ao mesmo tempo, do lado de fora, junto à porta, começaram violentas algarazas em que se ouviam protestos e vozes de injúria. Alargaram-se.

— Rachou-se ignorante e vo-

ce!

Ninguém, que acudira ao tumulto, parou:

— Que é isso, senhores?

— Outros homens chegaram.

— Sobre-se logo: uma questão pública entre o Torres e o Moreira!

— Aquela exalçou os ombros do dr. Romualdo, este os do candidato da oposição, dai o barulho. Mas a culpado

era o Moreira: não se insulta assim, sem mais nem menos, a um homem de prestígio, como o dr. Romualdo. Aqui a requista pareceu reacender-se de novo:

— Não insultei ninguém: foi de voz que puzi a afronta!

— Insultou: esse é veso seu muito antigo.

— Ora, cale-se!

— Cale-se, não! quem é você para me obstar a falar!

— Bem, meus senhores, está acabado, está acabado, deixe-se a briga, sr. Moreira!

Satisfeito por haver acalmado o disturbio, Norato afastou-se, tendo ao lado o valente oposicionista.

Do salão algumas senhoras tinham recuado assustadas, cafinhando-se pelo corredor; um ou outro cavalheiro tranquilizava-as. Padre Jerônimo, que chegara até à porta para saber a que havia, voltara ao lim de alguns minutos, resolvido a pedir o chapéu e retirar-se. De- mais, eram horas; consultou o relógio. O chapéu estava num

quarto, à direita, com os dos

demais convidados. Lembrou-lhe, como mulher, não pedi-lo, mas se postamente buscá-lo. Adiantou-se. A porta achava-se meio fechada, inspeção. A luz que vinha da sala, dois vultos de paravam-se-lhe à frente: um homem e uma senhora. O homem era Aracemiro Barbosa.

— Procura seu chapéu, reverendo! Então já se vai?

Olho, deve ser este, aqui está.

— Obrigada.

Nessa noite, em casa, ao deitar-se, padre Jerônimo não pôde resistir à tentação de pensar alguns minutos nas formosas pérolas que a mulher de Romualdo trazia às orlhas, e a passagem de São Francisco de Sales acudiu-lhe de novo: a primeira coisa que um marido deve alcançar da mulher e que esta lhe deve fielmente guardar, é o ouvido, pois que nenhuma rumor ou linguagem penitente, senão o amoroso murmúrio das castas e pudicas palavras, que são as pírolas orientais do Evangelho.

Alberto de Oliveira

Niterói, 1892.

Bibliografia de Alberto de Oliveira

(Continuação da página 113)

rência pronunciada em 6 de fevereiro de 1917, no salão do Conservatório, sob o patrocínio da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo. (Este trabalho encontra-se transcrito no segundo número de "Autores e Livros", comemorativo de Fagundes Varela).

7 — Literatura Brasileira. Algumas Inexistências. "Revista da Academia Brasileira", n. 2.

8 — Fata Morgana, coletânea de contos. Está inédita, para próximo aparecimento.

9 — Páginas de Crítica. Está igualmente inédita, à espera de próximo aparecimento.

C — Antologias;

1 — Páginas de Ouro da Poe-

sia Brasileira. (H. Garnier, Rio, 1911).

2 — Céu, Terra e Mar — Coletânea em prosa e verso. (Livreria Francisco Alves, Rio, 1914).

3 — Machado de Assis. Coleção Aurea, organizada em colaboração com Jorge Jobim. (H. Garnier, Rio).

4 — Visconde Taunay. Coleção Aurea, organizada em colaboração com Jorge Jobim. (H. Garnier, Rio).

5 — Contos Brasileiros. Coleção Aurea, organizada em colaboração com Jorge Jobim. (H. Garnier, Rio).

6 — Poesias Brasileiras. Coleção Aurea, organizada em colaboração com Jorge Jobim. — 2 volumes. (H. Garnier, Rio, 1920).

7 — Os cem melhores sonetos brasileiros, 1933.

U M A F A M Í L I A

(TRABALHO LIDO NA ACADEMIA BRASILEIRA EM 24 DE ABRIL DE 1941)

No dia 28 de abril de 1941, Alberto de Oliveira completaria os seus oitenta e cinco anos de idade.

A passagem dessa data é motivo suficiente para que na sessão de hoje, evocuem a figura daquele que é um dos nomes maiores da poesia brasileira.

Pareceu-me um ato de justiça prestar a Alberto de Oliveira, em comemoração a essa data, uma homenagem de especial natureza, homenagem que é bela e que é necessária, e que, entretanto, até agora não lhe fora prestada. E essa homenagem consistirá em evocarmos não a sua figura, já tantas vezes lembrada entre tantos formosos eucônios: mas, sim, em evocarmos aqueles que foram seus companheiros ditetos de toda a vida, os seus irmãos, essa falange fulgurante de mulheres e de homens, todos dotados de real talento, quase todos poetas.

UM LAR QUE SE CONSTITUE — A POESIA DE SAQUAREMA

No ano de 1848, um rapaz chamado José Mariano de Oliveira e uma linda moçoila de nome Ana Ribeiro de Mendonça, contraiam casamento.

Ela era nascida em Capistrano, provincia do Rio de Janeiro, e trazia nos olhos um bom sangue de lusinda. Vira a luz da vida no ano de 1813. Ela nasceu em Macaé, em 1832, e pertencia a illustre familia muito espalhada no território fluminense e em outras provincias do Imperio. D. Ana Mariano de Oliveira, que faleceu em 1919 com oitenta e sete annos, era apanhada de dois gloriosos compadres nossos, Salvador e Lucio de Mendonça.

Essa casar jovem, alegre e feliz, foi residir em Palmilal de Saquarema. Aos que não conheciam Saquarema, eu direi que é uma região idilica e suave. Distã tres ou quatro horas de Niterói. E, sem duvida, um dos recantos mais deliciosos deste humilde planeta em que vivemos. Um genio poetico, perito em coisas amáveis, se esmerou em ali collocar os cenários mais lindos. — Ha ali um pedaço do Atlântico, que banha esplendidas praias alveissimas. Ha uma lagoa, que o Oceano invade de vez em quando, como na fúria de umas nupcias prodigiosas. Ha tambem uma colina ondulante, que se ergue a cavalleiro do Oceano e da lagoa. Lá em cima, na graciosa colina, os velhos saquaremenses construíram em outros tempos uma igreja. E nos fundos dessa igreja, recebendo as lúvres brisas do mar, abriram o cemitério. Não sei de recanto mais próprio para se dormir o eterno sono. E não sei de lugar onde seja tão suggestivo como ali, ouvir para a eternidade a voz do mar, "do mar incessantemente recomendado", como no verso de Valéri.

Naquella terra feliz (onde um poeta ignorado teria seu fulgor entre a sombra de S. Pedro e dos nuves pescadores que enchem de poesia o mais belo dos lúros que a mão de um homem jamais escreveu, tanta é a simplicidade e a ingenuidade da vida em Saquarema)... naquella terra feliz, dizia eu, foi morar o casal.

José Mariano instalou-se em negócios de construção, e ao mesmo tempo se pôs a cultivar uma fazenda que pôde adquirir. Começou a prosperar, vendeu em breve seus campos cobertos de cabeças de gado, vendendo tambem cobertos de boas plantações de açúcar e café. Chegou a possuir vinte e seis escravos, que libertou antes de 19 de maio. Três desses libertos não quiseram abandonar o senhor: e ficaram com ele, mais escravidão da sua bondade do que

haviam sido escravos dos seus direitos, até a morte.

E pouco a pouco o lar se lhes foi enchendo de filhas e filhas encantadoras. Um dos filhos do casal — aquele que mais tarde se vai tornar o poeta illustre da familia — tem sempre os olhos voltados para a quadra ingenua e meiga da existência em Saquarema. E no apogeu de sua gloria, cantará recordando as imagens queridas dos pais, agora enlutados. — O poeta regressará a paisagem da infância e lá encontrará um velho amigo de seu lar. Na conversação vieram as piedosas evocações...

Lembra meu pai, meu pai, seu grande amigo,
De quem se me antolhou a alta figura;
O andar pausado, o modo austero e tanto.

— "Não conheci jamais alma tão pura
Como a dele, e tão placida — me disse —
Nem outra foi maior na desventura".

Minha mãe, tão mudada com a velhice,
Lembra: farto o cabelo se lhe aperta
Enão em negras tranças se via o frontão?

E' ainda fúez uma papoava aberta,
Cor-de-saúdo sonque e esse ar saúdo,
Que como o sangue, a flor do rosto tepercia.

Nessa casa plantada ao pé do rio,
Em frente ao campo, em frente à
Serra do norte, de perfil sombrio.

Nessa casa eu ouvi-te descrever-la,
Com a varanda e os complices arcos,
Quarto de blápede, quarto da capela.

A horta ao pé do engenho, aberta
Tem flores,
Do engenho ao fundo retravaes lúbalhando,
Remem de rodás, cânticos, rumos...

Essa, a paisagem física e moral de Saquarema, a paisagem em que se formou a alma infantil de Alberto de Oliveira e dos seus irmãos.

A CASA DA ENGENHOCA

Entretanto, não é meu intuito demorar-me mais do que o devido nesses dias gentis de Saquarema. E agora quero encontrar o casal de José Mariano e d. Ana, quando eles, já com a sua familia plenamente organizada, estão residindo em Sete Pontes, na Engenhooca, em Niterói.

O lar, que há pouco víamos constituir-se, abrangia agora dezessete filhos, sendo dez rapazes e sete meninas. As moças chamavam-se Felismina, Maria, Mariana, Amélia, Bernardina, e que apelidada Duda, Alzira e Adélia. Os rapazes chamavam-se Joaquim, João, José Alberto, Cândido, que tem o apelido de Dondolito, Mariano, que tem o apelido de Cucula, Bernardino, Saturnino, Luiz e Alfredo.

Sem demora, aquella casa tornou-se um centro de reuniões literárias interessantissimas. As moças eram espirituosas e lindas. Os rapazes eram amáveis, talentosos, excelentes camaradas. — Quem não teria prazer em frequentar a casa encantadora?

O sr. Rodrigo Otávio evocou as tardes agradabilissimas da casa de Engenhooca. — Lá fora a primeira vez em 1864, levado por Bilac. E lá encontrará alguns dos mais gloriosos nomes do Brasil intelectual: um Raimundo Correia, um Raul Pompéia, um Aluizio Azevedo, um Artur Azevedo, um Afonso Celso, um Guimarães Passos, um Lucio de Mendonça, um Fardal Mallet, um Valentim Maga-

lhães. Outros rapazes illustres ali appareciam sempre, como Silvestre de Lima e Alberto Silva. Miguel Couto lá esteve algumas vezes.

Essas reuniões não raro tiveram sua significação, que poderíamos dizer nacional. Muitos dos sonetos, muitos dos poemas mais belos do nosso modernismo, ali foram pela primeira vez declamados. Estava estabelecido no último sábado de cada mês determinação dos frequentadores declamarem trabalhos inéditos. Algumas das obras primas que Alberto de Oliveira cunhou foram ali ditas pela primeira vez. Muitos dos mais belos versos de Bilac, de Raimundo, de tantos outros, também ali e que foram entregues a ouvidos fiéis e amorosos. Nessas tertúlias intimas, os irmãos de Alberto de Oliveira davam, ora um ora outro, alguma demonstração de seu estro.

UMA EVOCAÇÃO DE ARTUR AZEVEDO

Um dos frequentadores assíduos das reuniões da Engenhooca era Artur Azevedo. E foi ele, na sua graciosa secção "De Palanque", quem, pelas colunas das "Novidades", firmou, em 1887, o aspecto daquela encantadora vizinha de poetas. Assim escreveu, num trecho de crônica, sob o seu famoso pseudônimo de "Elol, o herói":

"Deve ser muito divertida a casa desses poetas, em cujo quintal — eheita — quem sabe? — um veio da fabulosa Castália.

Suponhamos que o primeiro a erguer-se do vale dos leãoes seja o Alberto, que entra a passear pela casa declarando com ênfase:

"Desperta, meus irmãos: fúto enlrete!
Surge do sol no oriente luminoso!
Querida irmã, levanta-te do leito!
Vem ver o amanhecer como é formoso!"

Um dos irmãos, sabido do seu quarto:

"Born dia, Alberto. Como estás?
[Pausado]

Perfeitamente a noite!"

O Alberto:

— "Um sonho só".

O irmão:

"Com a pálida lua tu sonhaste?"

O Alberto:

"Vi-a entre nuvens de dourado pó".

Segundo irmão:

"São horas do café: — que é do café?"

Terceiro irmão:

"Já café não se toma nesta casa?"

Quarto irmão:

"A cozinheira linda não está de pé?"

Quinto irmão:

"Já lá está no fogão seprando a brasa".

Sexto irmão:

"Já tem nas mãos o saço".

Sétimo irmão:

"Justina, traze o meu café humilico".

Quarta irmã:
"Nestas manhãs esplendidas
Alegre-me, Senhor,
O sol abrindo as pétalas
Da pudibunda flor..."

AS SENHORAS DA FAMILIA OLIVEIRA

Artur Azevedo foi talvez exagerado, ao afirmar que todos os Olivieras eram poetas. A verdade, porém, é que aqueles que na familia não eram poetas, tinham o culto estremecido da poesia.

Das senhoras, d. Bernardina, que morreu há uns oito annos e que era casada com Demósthenes da Silveira Lobo Júnior, não escreveu, que me conste, nenhum verso. Sabia, entretanto, todo o seu Raimundo e todo o seu Alberto de cor. Um dos seus irmãos submeteu-a certa vez a um teste de memória, e pôde verificar que ella sabia 379 sonetos. Na mesma occasião, d. Amélia foi submetida a idêntico teste: e demonstrou saber sem vacillação 257 trabalhos, entre poemas e sonetos: hoje ella declara saber mais de quatrocentos.

Das moças da familia Oliveira creio que apenas duas são poetas — d. Adélia e d. Amélia.

A primeira é professora e reside na Tijuca, sendo casada com o sr. Augusto Miranda. Tem escrito, mas tem muito pouco dos seus versos. Não os mostra, nem mesmo aos irmãos.

A NOIVA DE BILAC

D. Amélia tambem tem um extremo ciúme dos seus versos. Em moça, foi noiva de Olavo Bilac. O poeta, grande amigo de sua familia, amigo fraternal de Alberto e sobretudo de Bernardina, passava dias e até meses na casa da Engenhooca. D. Ana, mãe de Amélia, embora muito estimasse Bilac, não via com bons olhos o namoro da filha. Por que? Porque tinha horror a calvinistas de Bilac, que supunha ser o mais desordenado dos boêmios.

Tenho, porém, o depoimento de Bernardina de Oliveira, que me assegura que naquele tempo Bilac era um rapaz de costumes modelares.

O certo é que um dia d. Ana chamou a parte Bernardo, e o encarregou da mais difícil missão: a de fazer chegar as mãos de Olavo Bilac toda a correspondência que elle enviara a Amélia. Com a coração dilacerado, Bernardo cumpriu a determinação materna. E desde esse dia elle e Bilac não se falaram mais.

O poeta de "Inimica Verba" guardou na alma a triste amargura daquele sonho de amor, tão cedo dissipado. E sua obra reflete, em muitas passagens, a saudade do seu termo idílio.

D. Amélia tambem guardou no intimo da alma o culto do seu morto noivado com o grande poeta. E seus sonetos, alguns d'elles tão formosos, refletem a máguia desses velhos dias de amor, tão cruelmente desfeitos.

Ainda dos tempos da Engenhooca — dos bons tempos talvez do seu idílio com Bilac — é este soneto, que Artur Azevedo transcrevia na crônica que acimaa citei:

NOITE

Quando a hora final da Ave-Maria
Deixa o eco vago espíço em fúez,
Nesse momento em que a melancolia
Mete na terra se estende e se de-
lira,

Quando a sombra da noite que apa-
lumbra o sul, escurecendo o dia;
Quando não temos mais da última
luzora

A duos lus, embora fugidia;

Quando se treve mais negra vó
Intercedu
E cobre toda a natureza: quando
Reposa e dorme todo em pa-
lidade

Ouvem-se, o espaço inteiro puzem,
Fúez...
E' que tristes, no mundo, soluçãos,
Vagueiam muitos corações perdidos.

UM QUE NÃO É POETA

Como as senhoras, nem todos os homens da familia de Alberto de Oliveira fazem versos. Pello menos, houve, entre elles, uma excepção: a do primeiro irmão, Joaquim Mariano de Oliveira.

E' elle, hoje, um cidadão de 90 annos. Mora em Niterói e é aposentado do Ministério da Guerra. Sua paixão foi sempre a musica.

JOÃO RIBEIRO DE OLIVEIRA

O segundo dos filhos de José Mariano e de d. Ana chamouse João Ribeiro de Oliveira. Es-taria, hoje, com 89 annos. Era professor no Estado do Rio e residia em Saquarema. Era um poeta de veia satirica e com os seus poemas e os seus sonetos, nenhum dos quaes pude ver, encher colunas e colunas dos jornais de S. Gonçalo.

Era tambem um ardente e inspirado orador, tendo conquistado, no exercicio da cátedra na praça publica, verdadeiros triunfos.

Morreu em 1930, no Rio.

JOSE' MARIANO DE OLIVEIRA

O terceiro dos irmãos Olivieras herdara o nome paterno. Tinha, hoje, 85 annos. Era engenheiro e foi uma grande figura na sua profissão. Durante quarente annos, foi companheiro de Paulo de Frontin na Companhia de Melhoramentos do Brasil e na Central do Brasil. Nessa última empresa, desempenhou a construção da linha de penetração a Belo Horizonte.

José Mariano cedo se tornou positivista, e isso o ajudou a Poesia, onde poderia ter conquistado eminente lugar. "Elol, o herói, na crônica sobre a familia Oliveira, já por mim duas vezes citada, dizia dele: "Tambem não conto com o Mariano de Oliveira, mais conhecido pelo seu pseudônimo de Mario. Um desalmado, que pendurou a lira no salgueiro e entrou para o Positivismo, como se entrasse para um convento de Trappistas".

Mariano de Oliveira foi convertido ao Positivismo por influencia indirecta de Capistrano de Abreu, seu grande amigo. Moraram juntos durante algum tempo, num tempo em que Mariano era inteiramente ateu. Capistrano o aproximou de Teixeira Mendes e de Miguel Lemos, com quem Mariano des-de logo intimamente se ligou. Os três positivistas casaram-se com três irmãs e foram morar em casas contíguas, que tinham comunicações internas. Viviam assim na mais estreita intimidade.

Ao morrer deixou numerosa obra inédita que somente agora vai sendo publicada. Ha pouco saiu um dos seus dramas, "Heliois", dedicado aos celebres amores de Heloisa e Abelardo.

Era elle um poeta amavel, que não deixava de ser gracioso. Isso o demonstram os versos que passo a citar, dedicados a boa e meiga Maria:

Eae teu nome, Maria,
Lembra um mundo de poesia
Vozes tesouros de amor,
Pois que em toda a Média-idade
Era assim que a cristandade
Chamava a Mãe do Senhor.

DEPOETAS - Múcio Leão

Por essa Virgem tão pura,
Que de terra e ternura
Qu' havia nas estrelas,
Eu sou, que se invocava
E aqui, na Terra adorava
Naquels tempos feudais.

Macha na luta o guerreiro
Faz-se sem que primeiro
Vale as as oitões no céu,
Juntado à exalta Princesa
Da desse naquela empresa
O anjo do tráfego.

Por esse culto que cresce
Vale o portento Maria
Também o Dama comum
Por seremos bem formados,
Que estavam desocupados
Sem ter lida aeto alguma.

Por via em todo o Ocidente
Faz-se entre culto ardente
Que tudo homem hoje quer,
Faz de céus e polares
Que prima a todas as almas
A palavra da Mulher.

Cada lar tem-se uma nave
Cada lar não nave
Se eleva sobre um altar;
E é a Mãe e a Filha e a Esposa
E a terra, irmã carinhosa
Que tem nessa alma encantar.

Quando cresceres, Maria,
Inventarás um dia
Que já nesse culto está,
Por já ter a mais rubida
Alinhada ecobida
Na oração de teus Pais.

Toma, pura e com essa graça
Que não tem oitões se embra
Sua imagem bem despida
E não carinha adorna
Nas mãos de todos nós.

Tu és a boa de certo
Quando as vezes de certo
Te levam Mãe do Senhor,
E a Mulher que a primeira
Conseguiu na Terra inteira
Um culto ardente de amor.

Teado ficado viário, José Ma-
riano, censerem fielmente a
mandado de sua companheira
quidada. Ao completarem-se os
trinta e três anos da morte da
esposa, ele compôs este soneto:

Vale, querida, volta ao lar vasto,
E se lembrais qual me deixaste,
Porquê amar que me votaste,
Aparar triste, apenas a ar sombrio.

Tanta amor vi a esta após o estio.
Voltemos! Tu somente não voltaste!
Tu somente da tumba não tornaste,
Onde teia dormir num chão tão frio.

Como os seus parecerem compridos,
Estivendo que voltes! Se voltares,
Vale guardados lida os seus vestí-
tidos.

Quando lida sob os meus olhares,
E se tem bilhetes tantas vezes lida,
E lida quanto é teu nos seus lugares.

A última confidência que esse
poeta encerra era puramente
verdadeira: José Mariano guar-
dava consigo todas as reliquias
que a morte lhe havia deixado.
Jas vezes, de morrer, chamou
ao pé do leito o irmão Bernardo
e a irmã Amélia, e indicando-
lhes um saco de veludo, que se
achava escondido num desvão
do quarto, declarou-lhes que a
sua extrema vontade era que
aquela embrulha fosse enterra-
do consigo... Eram todos os
vestidos da morte, todos os ob-
jetos míseros do uso dela, as
cartas que haviam trocado em
namorados, em noivos e em ca-
sados, que ali estavam reuni-
dos. Seu piedoso pedido foi pie-
dosamente cumprido.

CÂNDIDO MARIANO DE OLIVEIRA

O quinto das rapazes da ir-
mandade era Cândido Mariano,
o Doudado. Foi professor pú-
blico, como tantos dos seus ir-
mãos. Mas, ao morrer, aos ses-
sentos anos de idade, era fun-
cionário dos Correios de Petró-
polis. Deixou versos esparsos,

dos quais não logrei obter ne-
nhum.

MARIANO DE OLIVEIRA

O sexto irmão de Alberto cha-
ma-se Mariano de Oliveira. Tem
hoje 82 anos e é professor ju-
bilado do Estado do Rio. É um
grande conhecedor da língua
portuguesa, e o depoimento da
sua família é que o próprio Al-
berto nunca pôde vencê-lo em
assuntos de gramática.

A inspiração de Mariano de
Oliveira é ampla, larga e poe-
rosa, como a de Alberto. Tem
ele, entre outros, um poema in-
titulado "A Minha Mãe", evo-
cação da terra natal de Saqui-
rêma, que se elevadora à altura
de "Natalia", o poema em que
Alberto evoca o mesmo ambien-
te e a mesma paisagem.

Artista exímio, Mariano de
Oliveira é autor das dois admi-
ráveis sonetos sobre Ashaveria,
que passo a citar:

I

Meu deserto é sem fim, inexorável,
Cruel, abrasador, quente como um
Dartelha nele o sol e a terra, em torno,
E o nuadé de Israel em vão procura,
Tem vão!

Meu oceano é sem fim, areal ou
Tudo é deserto e triste, inferno e
Arabe sem aduar, ou marinheiro
Sem estrela polar na tozosa vas-
tidão.

Vou por este arcal em busca de água
Onde possa beber um pouco de ven-
tura
E esta febre extingui, e esta sede
Aplacar.

E, bucco neste mar alvizo à minha
Ilha verde a sorrir, por esse inferno
Onde eu possa dormir, onde eu pos-
sa sonnar.

E, bucco neste mar alvizo à minha
Ilha verde a sorrir, por esse inferno
Onde eu possa dormir, onde eu pos-
sa sonnar.

II

Ouvir rugir o vento, indômito, tra-
Nas penedras da costa oul quebrar o
Como um fantasma errei nas plagas
Vendo os dias em treva e as noites
Condenado, ministro, a correr, va-
Jornal sequioso, a chorar, a chorar,
Nesse inferno deserto o meu olhar
Um oaziz buscou, como os olhos de
A gar.

Nos penedras da costa oul quebrar o
Como um fantasma errei nas plagas
Vendo os dias em treva e as noites
Condenado, ministro, a correr, va-
Jornal sequioso, a chorar, a chorar,
Nesse inferno deserto o meu olhar
Um oaziz buscou, como os olhos de
A gar.

Condenado, ministro, a correr, va-
Jornal sequioso, a chorar, a chorar,
Nesse inferno deserto o meu olhar
Um oaziz buscou, como os olhos de
A gar.

A tude interroguel nesta malhada
E ninguém se deu da minha grande
Fiel a vastidão, e sempre esta le-
— Caminha! se tens sede observe o
Então, aos céus mandei a minha voz
Que mal te fiz, é Deus? Que mal te
[fiz, Senhor?]

III

— Caminha! se tens sede observe o
Então, aos céus mandei a minha voz
Que mal te fiz, é Deus? Que mal te
[fiz, Senhor?]

IV

— Caminha! se tens sede observe o
Então, aos céus mandei a minha voz
Que mal te fiz, é Deus? Que mal te
[fiz, Senhor?]

V

— Caminha! se tens sede observe o
Então, aos céus mandei a minha voz
Que mal te fiz, é Deus? Que mal te
[fiz, Senhor?]

— Caminha! se tens sede observe o
Então, aos céus mandei a minha voz
Que mal te fiz, é Deus? Que mal te
[fiz, Senhor?]

mais de dois mil ofícios, com a
sua bela letra. Detalhe curioso:
Machado de Assis não queria
ouvir falar em máquinas de es-
crever, que reputava um detes-
tável americanismo. Entre pa-
rênteses, ele tinha outras ojeri-
zas do mesmo gênero: o telefo-
ne, por exemplo...

Em 1934, contando 43 anos de
serviço líquido, sem umas fê-
rias, sem uma licença, foi Ber-
nardo de Oliveira aposentado,
no seu cargo de diretor geral do
Ministério da Viação.

Foi grande amigo de Floriano
Peisoto, a quem prestou servi-
ços de guerra e de quem rece-
beu os títulos de capitão e ma-
jor honorário do Exército e de
coronel da Guarda Nacional. Foi
também grande amigo de
Pinheiro Machado.

Jornalista em certa fase, foi
um dos fundadores do "Correio
da Manhã", órgão em que criou
a seção de esportes.

Bernardo de Oliveira é um
poeta delicado e amoroso, como
o vemos neste soneto:

PASSEIO MATINAL

Temo ar, temos luz, vamos, querida,
Por estes campos fora em devaneio;
Há flores no gramado, e a doce enleio
Das aves a cantar; há sol e há vida.

Que formosa manhã! Tudo convide,
Eu, dia assim, a um rápido passeio...
E não te assalte o mínimo receio,
Que as serpes por aqui não temem

— Como te fica bem esta sombrinha!
E ela salta, e ela ri, cantando, e grita
E a apunhar borboletas vai, caminha.

Nunca a vi, como agora, tão bonita!
Nem senti como agora não ter minha
Aquele que a meu ser enleia e agita.

Esse lirismo amoroso e deli-
cado ele o exterioriza ainda
mais ricamente neste lindo so-
neto intitulado "Aperio de
Mãe", que bem mereceria estar
numa das coleções de Alberto
de Oliveira:

Na minha grossa mão, ríde e esalta,
Deixe há pouco a sua mão de neve!
Quase quebrei aquele bico leve,
Quase esmaguei aquele fragil roca

E mais vivi naquele instante breve,
— Breve instante de vida copera-
tosa —
Do que hei, vivido e que viver se

Numa longa existência tormentosa,
E que beija ao la mão... Tinha
Tinha, porém, de estar na minha
Que a deixei livre, como ser queria

Sinto agora minha alma em foga
Tinha, porém, de estar na minha
Que a deixei livre, como ser queria

Porque foste tu — que fantas-
Mão como aquela, oh! grande Na-
tura!

SATURNINO DE OLIVEIRA

Saturnino de Oliveira, o oitá-
voo da irmandade, faleceu há
uns três anos. Foi durante al-
gum tempo funcionário dos
Correios em São Paulo. Depois
regressou ao Rio e aqui se em-
pregou numa casa de comércio.
Seu penhor poético parece ter
sido principalmente humoris-
tico.

Mas possuía também uma
sua inspiração lírica, como o
demonstra este soneto:

DOR MÚTUA

— Parte, vai vê-la, fala-me a sau-
dade,
Do seu olhar. Escuta. Anda. Vai

Vai-te encher de ventura junto dela;
Vai banhar-te na doce claridade
Do seu olhar. Escuta. Anda. Vai

Revela do mundo o teu amor. Revela
Toda a tristeza que a tua alma in-
[vade].

Que te será mais branda esta prece-
ta que oombra o céu de tua felicidade.

Pensa que ela de ti vivendo ausente
As mesmas penas que tu sentes, sente
E ouve tudo também quando te dige.

Porque se o pensamento tens errante,
A hucê-la, também a todo instante
O pensamento dela está contigo.

ALFREDO MARIANO DE OLIVEIRA

O décimo irmão de Alberto de
Oliveira, Alfredo Mariano, é di-
retor de secretaria aposentado
da Biblioteca Nacional. Publi-
cou em 1920 uma "Correspon-
dência e Crítica de Castro Al-
ves" e em 1926 prefaciou uma
edição dos "Folhetins", de
França Junior. Foi durante
muitos anos jornalista, fazendo
parte da redação do "Correio da
Manhã". É de sua autoria este
soneto, escrito para d. Alzira de
Oliveira, sua irmã:

Outro — se temos todos da poesia
Mais ou menos o dor — versos me-
[lhor].
Mais belas rimas e odorantes flores,
Fode sagrar-te neste belo dia.

Eu, porém, que conheço a sem valia
Da minha musa, que dos discursos
Sabe apenas pintar com negras cores
Os tristes quadros da melancolia.

Isto apenas te dou. Mas, se saudar-te
Venha com o coração no te
[tando].
O defetista que vices põe de parte...

Nota que em ponto mais humano
[escrito].
Neste dia, de longe, te abraçando,
Já que não posso te abraçar de perto.

Se este tropeço e sofre, em pronto
[auxílio].
Agrupam-se-lhe em torno os outros
[todas...]

E a aflição se converte em doce
[fútil].
Pelo melhor dos benéficos modos,
[luz].

Vibram armas de múltiplos matizes,
Audazes, resolutos; não se cansam
Do pelear tremendo. E são felizes...

Avançam, mais. As rudes silêneas,
Espantadas, se postas deixam, correm
Do campo, atrás deixando as praias
[tristes].

Avançam sempre. Os bárbaros, sum-
[tórios].
Ao vê-las frente a frente se apova-
[ram].

Do dorso hispido escumam suores
[frios].
Indectos recuam, talvam, choram...

Ao alcance do braço a um deles
[lêres...].
Também ferido está, embora! [Avante!]
Se outros golpes, como este, mais [lida] derem,

Terá prostrado a vitória gigante.

Avante! Avante! Avante! Abre ca-
[lento].
Aos teus irmãos! Sé rijo, estico, [forte!]

Não desanimes ainda que sozinho
Hajas de pelear com a treva morte

Não te poupa o inimigo fero e bruto;
Inverte contra ti a cabeçada,
Como touro bravo; é mau e seluto:
Ataca-o por tua vez a catadura!

Alberto, o melço, o príncipe dos
[poetas].
Com toda aquela mágica poesia,
Não logrou convencer esses alceas,
Eis, que rudes gentes convivia.

Tombou, cantando, no combate in-
[sano].
Atingido por golpe de surpresa,
Ele o super-cantor do engenho hu-
[mano].

O glorificador da Natureza!

Se o guta, o cabeca, o fêrreo ascudo,
Dessa falange que repulsa o medo,
Trufoento é o ciclope? Ouado? [Rudo?]

Mas por terra também rola o penedo.

Mo saber que eu pretendia fa-

zer na Academia uma palestra
sobre os irmãos poetas de Al-
berto de Oliveira, Luiz Maria-
no enviou-me um dos seus poe-
mas mais característicos —
"Arrancada de heróis". São des-
zenove estrofes místicas, que
ele ofereceu ao mais velho da
família, Joaquim, quando este
fiz os seus 88 anos. É esta a
poesia, onde passam tantas
imagens, onde há tanto misté-
rio, que tanto dia da vida des-
ses irmãos admiráveis:

Eu tu da grande prole o mais antigo,
O mais forte, e autorizei-me a dis-
[tinto].
Da garbosa irmandade o mais antigo,
O fôco refletor do Sete-estilo.

Varão sublime de uma estirpe au-
[gusta]!
Quanta gente te inveja esta pujança,
Faz virilidade heróica e justa.

Que a mocidade hodierna não al-
[cança]!

O bustão de comando bem merecem
Desse bravo título, que aqui te im-
[tam].
Desvendando da vida os laços; desse
Outros também que o Empíreo agora
[habitem].

São homens denodados, persistentes,
A prova lá de fuga, de almas nobres,
Amigos até a morte, indiferentes
Aos tesouros da terra, honestos, po-
[tões].

Impávidos caminham pelo mundo,
Revezes e perigos afrontando,
Em frente a tudo, a dila ou três de
[tunda].

Alegres e viris cantarolando.

Se este tropeço e sofre, em pronto
[auxílio].
Agrupam-se-lhe em torno os outros
[todas...]

E a aflição se converte em doce
[fútil].
Pelo melhor dos benéficos modos,
[luz].

Vibram armas de múltiplos matizes,
Audazes, resolutos; não se cansam
Do pelear tremendo. E são felizes...

Avançam, mais. As rudes silêneas,
Espantadas, se postas deixam, correm
Do campo, atrás deixando as praias
[tristes].

Avançam sempre. Os bárbaros, sum-
[tórios].
Ao vê-las frente a frente se apova-
[ram].

Do dorso hispido escumam suores
[frios].
Indectos recuam, talvam, choram...

Ao alcance do braço a um deles
[lêres...].
Também ferido está, embora! [Avante!]
Se outros golpes, como este, mais [lida] derem,

Terá prostrado a vitória gigante.

Avante! Avante! Avante! Abre ca-
[lento].
Aos teus irmãos! Sé rijo, estico, [forte!]

Não desanimes ainda que sozinho
Hajas de pelear com a treva morte

Não te poupa o inimigo fero e bruto;
Inverte contra ti a cabeçada,
Como touro bravo; é mau e seluto:
Ataca-o por tua vez a catadura!

Alberto, o melço, o príncipe dos
[poetas].
Com toda aquela mágica poesia,
Não logrou convencer esses alceas,
Eis, que rudes gentes convivia.

Tombou, cantando, no combate in-
[sano].
Atingido por golpe de surpresa,
Ele o super-cantor do engenho hu-
[mano].

O glorificador da Natureza!

Se o guta, o cabeca, o fêrreo ascudo,
Dessa falange que repulsa o medo,
Trufoento é o ciclope? Ouado? [Rudo?]

Mo saber que eu pretendia fa-

(Continua na página seguinte)

ALBERTO DE OLIVEIRA —

PRUDENTE DE
MORAES NETO

"Grandes éas estas para os
grandes pensamentos"

Alberto de Oliveira

Dentre os senhores da Academia é certamente Alberto de Oliveira o de atitude mais discreta e simpática diante do modernismo. Numa entrevista que concedeu a Américo Facó em 1923 e num discurso feito o ano passado em Petrópolis o poeta da "Alma em Flor" já tinha explicado o seu ponto de vista. Ele aceita e aplaude o movimento modernista. Sabe que tínhamos chegado em literatura a uma pasmaceira próxima da morte, contra a qual era forçoso reagir. O modernismo representa portanto um princípio vital que não é lícito condenar. Entretanto o aplauso de Alberto de Oliveira ele o reserva ao movimento no seu aspecto de esforço renovador, mais do que ao que se apresenta como o resultado desse esforço. Pessoalmente continua a ser o que sempre foi: um realizador da arte moderna, pelo menos as mais extremistas e ousadas lhe dão mesmo uma impressão de extravagância passageira que não pode satisfazer. Ele espera que de tudo isso venha uma novidade menos brusca e mais imediatamente aceitável.

O lugar de Alberto de Oliveira na nossa literatura, ainda uma vez carece de revisão. Passado o domínio do triunvirato parnasiano, ele que tinha sido tão admirado com sua escola foi violentamente negado e combatido com ela.

Até que ultimamente quissem transformá-lo num simples espantalho para principiantes por lhe atribuírem erradamente a esterilidade de certos poetas, de que ele foi apenas causa indireta. Penso que um exame sério não há de restituí-lo o lugar que lhe cabe indiscutivelmente de poeta dos maiores de nossa terra. A crítica só tem visto o parnasiano dominado pela preocupação formal de complicar o verso e o poeta panteísta cantor deslumbrado da nossa natureza. Mas não me lembro que tenha sido assinalada a ingenuidade que aparenta ele aos nossos românticos e que me parece há de vir a ser o caráter mais importante da sua poesia.

Alberto de Oliveira começa lembrando alguns amigos paulistas; fala do último passeio a S. Paulo, da comemoração do aniversário de Raimundo Corrêa na Academia e finalmente do parnasianismo.

— O parnasianismo foi um

movimento, isto é, foi devido à ação coletiva de um grupo, ou resultado de atitudes individuais independentes?

— Nós não tivemos propriamente parnasianismo. Não houve aqui aquela sua voz sonora. Hugo aparece.

— Francisca Julia talvez.

— Sim, lembra bem, talvez Francisca Julia.

— E certos sonetos de Raimundo Corrêa, de Bilac e do senhor mesmo, o seu Vaso Chinês, por exemplo.

— Mas são exceções sem grande importância. O chamado parnasianismo saiu das largas algebras das calças inglesas de Artur de Oliveira.

Conheci Artur de Oliveira logo que cheguei ao Rio, em agosto de 1877. Nós nos reuníamos num Café que havia ali na rua do Ouvidor, Fontoura Xavier, Teófilo Dias, Francisco Antonio de Carvalho Junior, Artur de Oliveira, eu às vezes e ainda outros.

O Artur lia Gautier, Banville, Sully-Prudhomme, Baudelaire e empolgava-nos com o seu entusiasmo. Passara muito tempo na Europa e tivera relações pessoais com todos esses poetas. Certa vez, em Paris, bateu à porta de Victor Hugo. Havia reunião e estavam lá entre outros Gerard Nerval e Gustave Doré. O porteiro impediu-lhe a entrada perguntando quem era e o que queria. — Sou um filho da livre América! respondeu o Artur com aquela sua voz sonora. Hugo apareceu então a uma janela para saber o motivo da discussão e o Artur saudou-o recitando um poema das "Contemplações". Victor Hugo mandou que o deixassem entrar e apresentou-o aos amigos. No meio da conversa Artur percebeu que um deles o estava caricaturando. Levantou-se, arrancou o papel das mãos do desenhista e disse: "Não, não consinto que o senhor continue". Um dos presentes observou que seria até um honra para ele o deixar-se caricaturar, pois não sabia que o artista era Gustave Doré? — Mesmo assim não consinto: a caricatura é a prostituição da cara".

O Artur era assim, impetuoso e amigo das frases surpreendentes. Teófilo Gautier, chamava-lhe "père de la foudre". As suas íntimas palavras antes de morrer foram estas: "As palmeiras e o sol".

— Os senhores não combatem a geração anterior?

— Combatemos. Entre 1880 e 1881 fizemos no "Diário do Rio de Janeiro" a guerra do parnasiano. Al, acompanhando a reação,

publiquei 10 ou 12 trabalhos assinados Lirio Branco e Atta Troll e aí escreveram também Artur de Oliveira, Artur Azevedo, F. Xavier e Teófilo Dias. Bom antes disso, em 1865 e 1866 tinha-se manifestado em Portugal, a "escola coimbrã" com Teófilo Braga e Quintal e Vieira de Castro que tiveram alguma influência sobre nós. Eu tenho no meu primeiro livro uma poesia inspirada pela "Bacante" de Teófilo Braga.

— Me lembro que Teófilo Dias no prefácio assinala a semelhança, compara as duas e creio que prefere a do senhor.

— Também tivemos uma certa influência naturalista. Na guerra do parnasiano, com o pseudônimo de Hop-Frog, escrevi aquele Tomás Alves Filho, de Campinus, que foi o verdadeiro introdutor do naturalismo no Brasil.

— O que pretendia e o que combatia a guerra do parnasiano?

— Foi uma reação inevitável. Os nossos românticos eram modelos de inexpressíveis lacrimelras. Mal cuidaram da forma e do verso. A reação foi também contra o relaxamento de linguagem que enfeirava a poesia da época cheia de cacofonias, redundâncias, galicismos e solecismos, contra as imperfeições do verso, de que há exemplos mesmo em Gonçalves Dias, o mais correto de todos.

— E ao tinham essa preocupação de forma?

— Não. Como lhe disse, combatemos principalmente o tom lacrimoso, o pieguismo sentimental. Que aconteceu? Alguns dos "sol-dismas" parnasianos reagindo contra esse sentimentalismo pessoal excessivo voltaram-se naturalmente para o mundo exterior. Daí o predomínio da poesia na natureza.

— ... de que o senhor foi justamente o maior representante. Não haveria nisso, no seu caso, ao menos uma sugestão de Shelley?

— Por essa época eu ainda não conhecia Shelley. Só mais tarde o li quando alguém escreveu sobre um livro meu, disse: "O senhor Alberto de Oliveira que percorre Shelley com mão diurna e noturna...". Foi essa frase que me deu curiosidade de ler o grande poeta.

Como eu li dizendo, com a natureza voltou a alegria aos poetas, e a poesia inclinou-se para coisas mais saudáveis. Carvalho Junior publicou um soneto por essa época, e que abra à sua "Parisina", começando por este verso: "Ódeis as virgens pálidas, cloróticas..." e acabava com outro dizendo querer: "A

saude, a beleza, a vida enfim!" Neste soneto, no "Plena Nudez", de Raimundo, em todas as poesias do tempo dominavam essas idéias de beleza, de apuro e respeito ao verso e à língua, idéias que se encontram em todos os grandes poetas de Horácio a Bôlleau. Aqui mesmo essa reação já tinha começado com as "Miniaturas" de Gonçalves Crespo que são de 71 e foram publicadas em Portugal onde o autor residia e os "Sonetos e Rimas" de Luiz Guimarães Junior, que são de 1880. E' verdade que havia exceções ao nosso movimento contra assuntos pessoais. Basta citar as "Lacrimas" de Mario de Alencar...

Mas resumindo isto tudo que eu lhe disse repito o que tenho afirmado sempre e que, se não me engano, foi dito também pelo Bilac: o parnasianismo aqui nunca pregou a impassibilidade; combateu a pieguice, não o lirismo. Mesmo por que ninguém pode escrever sem coração... — Pode nos dizer alguma coisa sobre o começo de sua vida literária?

— Publiquei meus primeiros ensaios no "Correio de Niterói" e na "Folha". Um dia mandei uns versos à "Gazeta de Notícias" do Ferreira de Araújo. Foram publicados e desde então rara era a semana em que não entrava com uma ou duas poesias.

Colaboravam na "Gazeta" alguns dos nossos principais escritores, entre outros Machado de Assis e J. do Patrocínio. Certa vez o Artur Barreiros que eu conhecia da redação da "Folha" e que era autor de uns contos bem interessantes aparecidos na "Estação" de Lombardi & Cia, me disse que o Ferreira de Araújo desejava falar-me. Pensei que ele ia declarar-me que não queria mais versos; mas, ao contrário, elogiou-os e perguntou-me se eu não tinha mais poesias. Respondi que podia dar-lhe para a "Gazeta" até uma por dia e ele me propôs então a edição de um livro meu, aproveitando a composição dos versos que fossem sendo publicados. Naquele tempo os editores eram poucos e ser autor de um livro era um dos meus sonhos. Imagine o meu contentamento.

— Foram as "Canções Românticas"?

— Sim, foram as "Canções Românticas". O título deu-me Fontoura Xavier. Consultei-o e ele lembrou-me este, que aceitei. Deu meus versos a ler ao Fontoura que descobriu dois ou três quebrados e me falou em tratado de versificação. "Trata-

do de versificação, que é isso?"

— "Se você não conhece metificação, como faz esses versos?"

— "Faço-os de ouvido".

— Quais foram as influências que o senhor recebeu no começo?

— Diversas. Gonçalves Crespo, Teófilo Braga, Junqueira, Baudelaire, Hugo, Heine, Copée, Banville, Sully-Prudhomme...

Li, também algumas daquelas epopeias esquecidas portuguesas... "Ulysseia", "Máquina conquistada", "Viciado Trágico".

— Data daí o seu gosto pelos estudos de português?

— Não. Esses estudos vem de 1900 para cá e foi João Ribeiro quem me despertou a curiosidade por tais assuntos, quem me educou no gosto dos clássicos. Naquele tempo eu não sabia alocar os pronomes...

— Quais são os seus escritores preferidos?

— Dos nossos poetas, Gonçalves Dias, Castro Alves, Fagundes Varela, principalmente o primeiro por sua correção de linguagem. Em Varela admiro o cunho de nossa natureza que tão bem se reflete em suas páginas. Em C. Alves, a imaginação, os surtos geniais, o vigor.

Dos nossos prosadores merecem predileção Machado de Assis, que é também excelente poeta.

Dos de fora, Calderon, Camoamor, Zorrilla, na Espanha; Petrarca e Dante na Itália; Shakespeare, Byron, Shelley, Keats e Robert Burns na Inglaterra; Heine e principalmente Goethe, na Alemanha.

— Que acha dos nossos modernistas?

— Gosto muito de alguns. O maior deles é Guilherme de Almeida. Considero "A Minha Saudade" a mais bela poesia publicada nestes últimos vinte anos. E como bem feito e expressivo aquele "Pião"! Não gosto tanto do "Meu", poesias a que falta a atração do sentimento, poesia visual, que me dá a sensação do reflexo de vidros de cores em chão de igreja.

Outro de muito talento é Ribeiro Couto. Outros, Cassiano Ricardo e Menotti. Lето-os e admiro-os. O Manuel Bandeira é um tanto desigual. Tem, entretanto, trabalhos felizes e bem inspirados.

— E Mario de Andrade?

— E' ótimo prosador, mas confesso que não gosto muito da poesia dele.

— Que pensa de Graça Aranha?

— Esse é tão bom que nem parece modernista. Tenho para mim que ele não realiza o que prega.

(Continua na página seguinte)

UMA FAMÍLIA DE POETAS

(Continuação da página anterior)

Mais uns golpes como este, mais um (posso).

Mais um arranco e os louros da vitória

Alcançado terá les dextres braços? Conquistado terá exalta glória?

Mais ouves de clarins alvigeiros? O toque animador que no ar se espalha?

Mais o cântico triunfal dos companheiros? Que te exortam do Céu à árdua batalha?

Mais o hino de louvor ao destemido? Mais resistente que ferro trinco. Que as vingan, acometendo esse atro (vindo)

Século desumano, feio e bronco.

Mais! Avante, exemplo e honra de uma raça. Que a ferrugem dos tempos não contorne!

Avante! Se na vida tudo passa. Se história no manco ficará tua nome.

Nessa "Arrancada de heróis", Lutz Mariano interpretou fielmente o belo e justo orgulho da sua família — dessa privilegiada família tão belamente organizada, no físico e no espiritual (1).

CONCLUSÃO

Quase sem me advertir, e apenas seguindo de longe a biografia dos irmãos Oliveiras, verifico que compis uma verdadeira antologia de belos sonetos e de belos poemas.

Muitos deles são trabalhos que podem embrear com os do nosso querido confrade morto, com os do poeta lapidário "Rauco", da "Janela de Julietta" e de "A Casa da Rua Abílio".

Evocando diante da Academia Brasileira as figuras de todos esses poetas, irmãos de Alberto de Oliveira, lendo de cada um deles algumas estrofes enternecidas ou magistrais, creio que

prestei ao artista dos "Sonetos e Poemas" a homenagem que ele mais estimaria. E para todos nós essa época e essa leitura não terá detrato de ser muito útil, pois nos auxilia talvez a ter uma nova compreensão, mais humana e mais comunitária, de Alberto de Oliveira.

Na frente do quadro que aqui acabei de traçar, recordando essas numerosas poesias, vemos como que em nova luz a figura do nosso grande confrade. Ela ressalta, vem dividida, mais nítida, aureolada de uma luz mais pura.

Percebemos, agora que Alberto de Oliveira não caminha solitário, na estrada da sua formosa e altíssima glória. Coroados também de um louro inaccessível, alguns dos seus irmãos o seguem fielmente, na ascensão maravilhosa.

(1) Acompanhando a "Arrancada de heróis" e o soneto "Estalão",

Lutz Mariano escreveu a Bernardo uma carta, que me parece deve transcrever. E a seguinte:

"Em 21 de abril de 1941.

Bernardo, Saude.

Junto quatro sonetos e a "Arrancada de heróis", que, a meu ver, é a melhor das produções presentes, adequadas mesmo ao fim que se tem em vista. Al, há alusão aos irmãos de todos, às idades, à união que existe e sempre existiu na intimidade da família do inimigo (o século) ao abatimento do irmão mais velho, já ferido e pronto a vencer a luta aos cinco mortos, ao Alberto, que tombou cantando (na versão de sua morte ele sofreu um dos seus sonetos, atingido por golpe de surpresa (naquele de urémia) há de tudo, inclusive os acentos tónicos na última palavra de cada verso em cada estrofe, bem como a intenção de versos agudos. Os próprios adjetivos não se repetem. Essas versos nossos

serão depois publicados, sendo agora lidos numa noite Acadêmica. Por tais motivos eu desejo que seja lida, na conferência do nosso amigo Mucio, a "Arrancada de heróis", onde aparecem os dez velinhos de valente falange. Não tive tempo para escolher sonetos, pois meus versos acham-se espalhados na maior confusão, nas sete formidáveis gavetas da minha secretária, variando grandes concertos, variando reconstruções. Os quatro que aqui vão, seguem como refração, a "Arrancada de heróis", no caso de um insucesso, isto é, caso ela não seja aceita, em caso contrário, o Al poderá publicar alguns deles no seu jornal, querendo.

Avise-me a data exata da publicação, pois, embora ainda afetado dos tempos auditivos, desejo estar presente.

Abraça-te o irmão muito amigo. Lutz.

Escrevi numa pressa de avião, mas, mesmo assim, penso que não compreendeste bem. — Lutz."

Carta de ALBERTO DE OLIVEIRA
a BERNARDO DE OLIVEIRA

os mortos, em seu caminhar de
sombra, voltam algumas vezes
atrás a cabeça para ouvir solu-
ços e gritos que os reclamam.
Não se detêm, entretanto, não
param, não desdondam o cam-
inho: não se torna a esta vida.
E vão depressa com aqueles
dos amantes. Guilherme e Leo-
nor, da "Balada de Burger".
Não irão depressa, não desapa-
recerão nunca, entretanto, estes
dos mortos queridos. Sua gló-
ria em o nosso amor os despenha-
ra e ressuscita. Quem fica numa
lembrança, não morre de todo.
Quem de todos é lembrado, con-
tinua a existir.

Continuam a existir Bilac e
Raimundo. Sinto-lhes o espí-
rito pairar neste ambiente, neste
recinto angusto, impregnado da
essência daquelas rosas e da
emanação de bondade de Ina-
corações generosas. Cob-
lhes, também esta homenagem.

Deixai-me com eles repartir es-
tas flores e os vossos aplausos.
"A saudade é a presença dos
amantes", disse Bilac. Ambos,
Olavo Bilac e Raimundo Car-
reira, estão aqui presentes por-
que em todos nós há a sua san-
dade".

Uma lição de sabedoria

Humberto de Campos

Alberto de Oliveira completa, ontem, setenta e quatro anos. E eu, dizendo-lhe a idade, não o faço senão para prestar-lhe uma homenagem a mais. A velhice é um dos mais altos e nobres atributos da glória. Aquela é o complemento desta. Uma anciandade gloriosa e o mais belo prêmio da vida.

Os homens nascem, vivem, e morrem, como os dias. Dias há que alvorecem com todas as tintas e cantigas da primavera, e que se vão desbotando e calando no decorrer das horas. Outros, que amanhecem cobertos da cinza do inverno, e que se vão enfaltando e animando com a aproximação festiva da tarde. E outros, ainda, em que o sol fulgura doze horas, de horizonte a horizonte, e se afundam no poente numa apoteose de fogo e de cores ardentes. Alberto de Oliveira vai entardecer na vida como um grande e formoso dia de Verão. Na sua tarde, o sol não se deita envolto em púrpura, e ensopado de sangue, no sarcófago lúgubre das montanhas. O seu dia foi tranquilo e largo, e de clima serenamente, com a doçura e a saudade das muitas tardes brasileiras. Cigarros escapam a tábua do silêncio, entrando cada fio de ouro ou de prata até que ele se parte no tempo. Sabias gorgeliam, em sardinha, acalentando-se a si mesmas. E o vale, como um torvelim, faz subir o fumo claro da melhora, incensando, de leve, o enorme altar dos montes embrulhados.

A vida de Alberto de Oliveira constitui, na verdade, uma perfeita e extensa lição de sabedoria. Os seus setenta e quatro anos estão cheios de meditação e de versos. Por excelência, o espírito da sua geração jamais rompeu o círculo das letras puras para envolver-se em questões sociais ou debates políticos. Em torno do seu cartão existe um fôssco, cuja ponte jamais deuseu para que ele se fosse bater, maculando os caminhos de renda, com os vilões que rugem lá fora. Jamais teve, em toda a vida, um inimigo. Jamais escreveu uma perfídia contra alguém. Jamais expôs um sentimento de inveja. Moveu-se, a existência inteira, até hoje, dentro do seu sonho muntoso como um bicho que se tivesse encerrado, num voto magnífico, no presídio católico da sua catedral.

Contemporâneo dos últimos românticos, evoluiu Alberto de Oliveira tão suavemente para o paranaísmo brasileiro, de que foi um dos fundadores e é, ainda, o representante mais característico e a expressão mais alta e mais viva, que se não pode descobrir, quase, o delírio dessa evolução. Sobreviveu a sua escola literária, mas permaneceu dentro dela. A semelhança dos sacerdotes de Israel, já sem pátria, mas se lembrando ainda Israel e glorificando o seu Deus, não aderiu a outros credos, não cantou em outro ritmo, não queimou os seus ídolos para adorar os ídolos das gentes novas. envelhece, glorioso e ativo, como um rei cujo povo tivesse desaparecido, e que passasse, no exílio, a figura serena e majestosa entre os destituidos do seu trono e do seu reino.

Os setenta e quatro anos deste grande poeta não podiam ficar no registro lígelo e anódino dos jornais, na dala em que os contemporâneos. São quase três quartos de século, e, seguramente, mais de meio século de um culto constante, da Beza, praticado na força do verso e na graça da rima. Duas lições lhe devem lições de ritmo e de bom gosto. E é em nome de uma dessas gerações, que eu, que tomei no metro dos seus alexandrinos e dos seus

Correspondência de escritores:

Carta de Olavo Bilac a Alberto e Bernardo de Oliveira

Alberto e Bernardo

Quais, que são os seus dias! Vejam-se, de meus infantes silêncios de tantos dias, não respondendo a minha carta. Bem! Pois que não tenham uma carta a advogar a minha causa e a provar o meu empobrecimento, vos sinto, talvez, mais eloquente e feliz. Isto, porque a escusa penitente e consciente dos meus muitos pecados, poderia melhor, talvez, e tão sentida é, frangida-me o peito dos meus adorados e amovidos, meus amigos. Meus amigos estão vós, de não souberem compreender e desculpar a minha negra ingratidão. Pobre, pobre Olavo! Como ha de ele conservar seu maná e corações e carantes, n'esta miserável terra da farda, com todos os nervos irritados pela inebriabilidade d'esta gente, com toda a alma ferida por esta vaidade, por esta infâmia por esta mortal saudade!

Venham-me agora falar das felizes datas que me promettem aqui! Que é de alguma deliriosa de S. Paulo? que é da minha tranquilidade, que é da minha fortuna, que é da minha saúde, que é da minha amavelmente separada?

Como ha pouco tempo, resultava em! Com a petivada de Ruyneros, embriagou-me com os dias luminosos e com os ventos estrebados. Pois tudo isso foi uma hiponisia, de cis de S. Paulo. Comecei, todos de novo a começar a chorar. Olavo, choro medonhamente ha dy dias.

Uu inferno! Imaginai, não amei, não durmo. Bronchites sobre bronchites, saudades sobre saudades. Ah! meus amigos! por Deus vós a minha ingratidão! Tenham pena de mim. Consolem-me, socorram-me, amem-me! Amem-me, arranquem-me de todo o negro d'esta vida que me trouxe, abracem-me de registo illuminado, das da esperança e da crença!

O Rodrigo, esse, quase lúcido de amor e de plenitude como está, já me deu um pouco de muito tempo. Não me amem, e, quando me saírem, saia-me e torça-me, amando de minha amizade!

Não façam vós o mesmo.

Decididamente não seria tão cedo que por aqui se d'Carta. Recomendando-me a vós, minhas de todos os T'abí. Muitos saudades a D. Laureana, D. Adelaide, D. Am. minha, família Santa, D. Harynha, D. Longa solidade, Padre... etc.

Não sei se Saminha terá recebido a minha última carta. Beijei-lhe as mãos e abraço estreitamente a Sr. Jaci Maria, amei. A todos as outras pessoas T'abí e Corações saudáveis e a eterna e amizade d'aquella, que preside n'uma boza e Alberto e os outros a Bernardo.

Olavo

S. Paulo, 6 de Setembro de 1942

Flor Santa

Entre as ruínas de um convento,
De uma coluna quebrada
Sobre os destroços, ao vento
Vive uma flor isolada.

Através de férrea grade
Fitando ao longe e em redor,
Que alhar de amor e saudade
No calix daquela flor!

Diz uma lenda que outrora
Dentre as freiras a mais bela,
Morta ao desmanjar da aurora
Fôra achada em sua cela.

Ao trem em terra fria
O frio corpo depor,
Sob a coluna que havia
A um lado, nasceu a flor.

E a lenda refere ainda:
Assim que o luar aparece,
Da flor animada e linda
No calix se ouve uma prece.

Rosa... E medrosa, e encolhida
A um canto, pálida a cor,
Toda no céu enbebida
Vendo-a, talvez, pobre flor!

Parcei, tão branca e pura,
Tão frágil e desmaiada,
Uma freira em miniatura
Nas pedras encolhida.

ALBERTO DE OLIVEIRA

decassilabos a medida dos meus, presto publicamente, embora com atraso de um dia, esta homenagem singela, mas comovida, ao meu amigo, e ao meu Mestre.

("Diário Carioca", 29-4-1933).



Aspecto de Saquarema, a cidade em que Alberto de Oliveira nasceu

FRAGMENTOS

I NA CIDADE DOS MORTUOS

Na cidade sombria da morte



Outro retrato da políptica de Alberto de Oliveira

dormem os mortos. Dormem, cruzadas as mãos sobre o peito, sob o céu de mármore as suas louzas. De quando em quando, atravessa um clarão a grande cidade. Será o primeiro arraiar das madrugada eterna? Não, o brilho é de estrelas, o brilho é de lágrimas, que, como estrelas, fulgem por cima, sob o céu de mármore de suas louzas.

II ÚNICA

Sol de corações em que toda entra — sorte de hospedaria — com muitos quartos; ocupados por gente de toda a espécie. O meu foi outrora uma bela câmara azul habitada por uma única imagem: hoje é um sepulcro, mas a imagem ainda lá está... lá dorme um cadáver.

III FILOSOFIA DOS PASSAROS

Dos filósofos dizem alguns: tudo é pó! Outros: tudo é mon-

IV O BOM FANTASMA

Um assombro, um fantasma, uma visão, uma mulher morta está diante de mim. Já se me desgraharam os cabelos, foi-se o meu susto, despareceu-me, porque esta que aí vem ao contrapelo da sala — oh! — é o mesmo tic-tac das suas botinas! — firme em sua majestade de Diana Maratona — oh! — é o mesmo o seu passo de deusa! — duas estrelas fixas sob a linha das sobrancelhas — oh! não os meus os seus olhos! — e ela, a morta sublime, a minha suprema, a minha querida de todo o sangue! E aproxima-se, e vai a falar-me, e quando me levanto e lhe estendo os braços e a aperto, nos braços — nos



Alberto de Oliveira, moço, ao tempo em que publicava os "Versos à Rima"

braços, no coração, no íntimo, a minha ineisa saudade! — alma são os meus suspiros — 1886, dezembro. — Alberto de Oliveira

Algumas páginas de Alberto de Oliveira

VISIO

I

Aí vem o fim dos meus melhores dias. Já do claro zenite em que ardeu tanto, Descei meu sol; e na maior saudade, Eu, como um deus vencido, saio em pranto Da floresta de fogo e de harmonias Da minha mocidade.

Que importa ainda em minhas veias arda Sangue, febre, entusiasmo? Ah! sonho extinto! O que ainda resta mal traduz a vida! Sinto aos meus pés crescer-me a sombra, sinto Que a manhã lá se foi, e a hora não tarda, Da grande despedida

Oh! se te demoras, dentro em breve Será tarde, talvez! Inda alguns passos, E em vez dos céus de agora altos e belos, Hoi-de ver céus de inverno, donde a espaços Na alma começa de cair a neve Que cala nos cabelos

Vem! Da-me a ver a tua formosura Ao fim de um dia esplêndido. Aparece, A ocidua extrema irradiação solar, Como a luz de cem velas resplandece Ao fundo de uma igreja a alva escultura De uma santa no altar.

II

Vem! Esperel-te uma existência inteira! Boa da mocidade o último instante. Ao meu desejo compassiva cede! Eu te reclamo, como o agonizante Com a boca em febre a hora derradeira Um crucifixo pede.

Com o fervor da oração que a alma do justo Exalta a Deus, suplico-te me valhas! Da-me a clara visão do céu aberto, Vida, ventura que com um riso espalhas Da-me. Eu sinto por ti no peito adusto A sede do deserto.

Vem! Em redor de mim desparce em festa Canções e flores; a lússão ardente Da-me de que é manhã, que lhe ouço os hinos; Ao meu sol prestes a morrer no Poente, Tu, no esplendor de tua aurora, empresta Teus raios matutinos.

Prolonga o dia meu de uma hora, e basta! Mas nessa hora sê minha, mas a essa hora Faze que valha os anos que eu vivi! Escureça depois... ir-me-ei embora, Como a estrela, do céu de que se afasta Cheia — cheia de ti!

III

Vem! Namorando a várzea que entre a bruma Vê se alisar ao sol, verde e infinita. Por alcance-la um dia, de repente Em grande impeto solta, o espaço afuma, Atros os antros e se precipita Do alto a caudal torrente.

Lá vai! chegou, cingiu quem via e amava! Aqui se encrespa como de desejos, Ali, como saciada, entra em repouso; Roja, amorosa e humilde, como escrava, Ainda do beijar de tantos beijos Tendo a espuma do gozo.

Não de outro modo, assim, com o mesmo peso Cedendo a aspiração que me tortura, Afando de prazer e de cansaço, O meu vale florido mala defeso, Ao meu amor, num grito de loucura, Caírei no teu regaço.

Suma-se o sol então com os seus dourados Raios das nuvens entre os leves folhos. Venham as sombras, baixe a noite, enfim... Eu ao verel, olhos semi-cerrados De volúpia, que existo nos teus olhos, E estas ao pé de mim.

IV

Mas vem! Os hinos meus, as canções minhas, Toda a minha alma em versos te festeja, Seguindo-te, no vôo solitário. Como no espaço um bando de andorinhas Clamando pelo céu, vai de uma igreja Buscar o campanário.

Cheio de ti, como, com os seus rumores, Frondeando à luz, o bosque aberto em galas Se enche do sol que aos dardos o atravessa, — Arvore festiva, cobri de flores Minha ramagem para desfolhá-las Sobre tua cabeça

A minha vida é um cântico ao teu nome, Uma oração como ninguém a reza, Nem a ouviu nunca altar na terra erguido; Um êxtase e um penar que me consome, Delícia e tratos, júbilo e tristeza, Um sorriso... e um gemido!

Amo-te! Estás em quanto os olhos ponho, Em quanto me percebe o ouvido, em quanto Coa em meu sangue, o coração me vibra; Dentro em minha consciência e no meu sonho, Dentro no meu sorriso e no meu pranto, No íntimo, em cada fibra...

No íntimo, em versos que a palavra humana Não dirá nunca, e em surda voz convulsa, Palpitando-me, eternos cantarão, Como da terra dentro ofega insana E em fogo e enxofre estertorosa pulsa A essência de um vulcão.

V

Mas ah! que em vão te chamo, oprimido o peito, A alma em pranto! Não veni! Em que paragem Tens, o Rainha, o alcázar ignorado? O último Sonho meu, na grande viagem Que empreendera por ti, caiu desfeito, Sem te haver encontrado

Cansaram meus Desejos, vendo espaços, Só espaços e espaços, pelo oceano Buscando-te, ilha de rosas em flores! Sem norte o lenho vai, rasgado o pano, E nem, por doidos que já tem os braços, Remam os remadores

E a Hora magna da vida, excelsa a fronte Coroada de diamantes e de raios, O meu Ideal longínquo, o facho ardente Arremessou, nos últimos desmaios, Do declive do Céu, por trás do monte, Aos ermos do Ocidente!

Vai vir a noite. E eu a esperar-te ainda, E em vão! eu a chamar-te, e em vão! Tal chama Ave erradia pela companhia, Desfere o canto, vai de rama em rama, Até que a morte lhe interrompe e finda A queixa derradeira...

Tal um grito de dor no mar se escuta: E' um naufrago. Céu bravo e noite estranha. O som plangente desapareceu... Tal sopra o caçador pela montanha Perdido a trompa e um eco em chão de gruta Apenas respondeu...

MAGDALA

Passa por ti e: — "O' formosa!" Diz este, e ao selo te enlaça; Da-te um sorriso, uma rosa, Um beijo depois. E passa.

Passa por ti e: — "O' rainha!" Aquele diz, e te abraça; Da-te um brilhante, uma pérola, Um beijo depois. E passa.

Passa por ti e: — "O' tesouro" — Diz outro — "de encanto e graça!" Da-te ouro, punhados de ouro, Um beijo depois. E passa.

Passa por ti e: — "O' meaquinhã!" — Diz o poeta — "a sorte escassa Quanto me deu foram lágrimas..." Da-te uma lágrima... E passa.

Raridades de Alberto de Oliveira

VIDROS OPACOS

Fita nos olhos teus, sorrindo, Alice
Os grandes olhos negros requebrados,
Mas os teus vé do albugo da velhice
Semi-apagados.

Em seus espelhos turvos se demora
A examinar se ainda, — oh vão desejo!
Do mudo, do varão, do homem de outrora
Resta um lampejo.

Nada mais resta. A alma enfraquecida e escura
Apena trema a superfície baça.
Olha a moça, olha, insiste... Assim procura
Sua vidraça.

(Numa vidraça de palácio antigo
E abandonado, abandonada e nua)
Lembrando alguém, um vulto, um rosto amigo,
Espiar a lua.

Esqueceu o vidro e mal consente
Ver entre uns pobres restos de cortinas,
O luar triste, a solidão somente,
Sombra, ruínas...

1918.

AZÁLEA

Tenho aqui junto à porta uma azáleia vestida
De tão saudades, sangue as suas flores são.
Tua irmãzinha que o pé da planta assim florida
Semelha um coração.

Ah! sim é um coração,
Digo de mim contigo,
É um coração antigo
Que me fala de amor.

Mar um ganseteiro, um vil coleóptero a requesta.
E não que não me entenda os versos, o rumor
Das asas lhe secundo, alento ouvido presta
Ao seu zum-zum de amor.

Ela lhe tem amor
E a mim é indiferente...
E como tanta gente
A minha azáleia em flor.

1953

(Vida Literária)

FIGURA DE BRONZE

Não há sertão que cheire assim como esta
Cultura, onde anda a Noite, em trancas escuras,
Como chorando as flamas da espessura
De uma orlaçada e virginal floresta.

A boca é um sulco do Levante em festa,
Torna a Arara lá dentro, a luz fulgurante...
Quando a deusa se move, um deus lhe apresta
O manto e a firme esplendorada armadura.

Tua pena eterna ao ombro uma águia — emblema
Da civil — asas ao ar, como procela;
Chorões-lhe a testa palmas em diadema;

E, então, parece o vulto sobranceiro
De uma parte do mundo, estranha e bela,
Da América sorrindo ao sol primitivo.

SUBINDO A MONTANHA

(A Vitor Hugo)

É um grande monte vi soberbo, em meio
De outros montes. E alguém me disse: "Aquele
Que lá rés e é mais alto é o seio dele,
Que lá de nos mais que virão ser firme esteio";

E olhando-o, o Poeta vi subindo-o, o seio
Aberto, a harpa na mão, como o Kantale
Do Eneida mortal de voz que excede
E se levanta em matinal gargalo

E mal do grande monte o Poeta às cimas
Chegou, feriu a harpa, e tudo em roda
Ficou cheio de sons daquelas rimas...

E a tua perdura, imorredouro, infundo
Que aquela voz a Natureza toda
Irá de seio em seio repetindo.

"A Semana", 7-11-85.

A JOSE DE MORAIS SILVA

(A propósito de seu novo livro — "Santuários")

Diz, amigo: alta noite, quando escreves,
Não ouves (e não é por certo o vento)
Pela rama um rumor, um movimento
De um rio como o abrir das asas leves?

Um momento estremece, um momento
Com a casa estranha impressiona-te deves;
Nos logo à frente, que as primeiras neves
Do tempo niveia, acode um pensamento:

— É minha mãe! — Vago terror agora
Ja não te assusta: escreves sem receio.
Escreves... — Assim foi que de hora em hora

Producta este livro — obra bendita,
Aonde um coração de poeta, chelo
De um coração de mãe, vibra e palpita.

O MUTILADO DA RUA FLACK

Entre a escória da rua ali deixada,
Afixa-se pouco a pouco ao seu monturo
Aquele envalhado, aquele escuro
Caco de vidro que não vale nada.

Fere-o, porém, do sol um raiço puro,
E cintila, — e um diamante, uma visada
Joia; sorri-lhe a face iluminada,
Todo é feito em seu river obscuro.

Nada vale também este que, informe,
Mutilado ali está, a só padecer
E em podre enxerga se remeche e dorme.

Caco de gente, como aquele, brilha
Um sorriso em seu rosto, se aparece
Para vê-lo onde está caído, a filha.

("Revista Souza Cruz") Dezembro 1931.

FALANDO AO CORAÇÃO

Foi pelas tardes últimas, queimadas
Do calor de janeiro, que a pediste;
E ela não tinha, e estavas mudo e triste,
E choravas, olhando estas estradas.

Depois, nas nuvens longe acurruadas,
Que interrogavas, a tião sentiste,
E uma se abriu e a divindade viste...
Ja lá vão tantas lágrimas passadas!

Hoje, alegre-te enfim! teu doloroso,
Teu vago sonho um termo tem! Da altura
El-la, chega seu carro esplendoroso!

Tiram-na, em meio a um resplendor de ouro,
Os minutos que, sendo os da Ventura,
Galopam, roam pelo tempo afora.

APARENCIAS

Quem sobre nós põe a vista,
Quando muito, descovilha
Que entre nós ambos exista
Um pouco de simpatia.

Ninguém, jamais, que nascemos
Um para o outro, que, enfim,
Se vivo — é de teus extremos,
Se vires — é só por mim.

Ninguém suspeita... E, em profundeza,
Erlase, mudas e calmas,
Longe dos olhos do mundo,
Estreitam-se as nossas almas

Entretanto, um do outro em frente,
— Tu a cismar, a cismar,
Eu quase que indiferente —
So nos podemos olhar...

Pensava em ti, ante meus olhos dvidos
Tua imagem trazia,
A betos decorava-o, e a quentes lágrimas
Nela m'embebecia.
Porque és tu na areia dos dias dvidos
Da minha vida, a flor,
A sonhada palmeira, o oasis mágico,
O meu único amor!

Pensava em ti, mas a razão de súbito
Acorda: "Em que te abismas?
Pergunta-me severa, e com ros lígubres,
Que outros enigmáticos rismas?
Basta lá de ascender, por entre místicas,
A região, da qual
Te apela, com misticos murmúrios,
Desolado ideal!"

Que importara a razão? sofri-a impavido,
E, surdo ao que falara,
Pensava em ti, do todo teu seráfico
A minha mente escrava,
E a mim só sono os olhos certo extático
E logo adormeci.
E toda em sonho te via a imagem cândida,
Toda pensava em ti.

ETERNO

Sendo, qual era, o nosso amor profundo,
Os homens, que o invejaram,
Para um país distante n'a levaram
Quase no fim do mundo.

E, como não havia um só momento
Que no meio do espaço
Não se encontrasse num perpétuo abraço
O nosso pensamento,

Para um país, muito mais longe, um dia
Levou-a a morte, e, ao peito,
Vendo-o ainda a pulsar por meu respeito,
Pôs-lhe uma pedra fria.

Mas inda assim, num mágico transporte,
Amorosas e calmas,
Lá mesmo se confundem nossas almas
Em presença da morte.

MENINO JESUS

No quarto do oratório entram de leve
Mãe e filha, uma grave, a outra sorrindo
O menino Jesus está dormindo
Em seu berço de palha, fofo e breve.

Tod-o acaso que impta mão se atreve?
Tocam-no os anjos; este, ao leito abrindo
O céu, beifou-o. — "Como é lindo! lindo!"
Diz, vendo-o todo rosa, luz e neve.

Ao pé lhe ajoelha e reza, A mãe, no entanto,
O irmãozinho a lembrar-lhe inda outro-dia
Morto, mal pode reprimir o pranto:

Quando se foi, no esquife em que jazia,
Dourado e azul, com um lírio em cada canto,
Sereno, assim, risonho assim, dormia...
Dezembro de 1927.

HORAS FELIZES

(A Medeiros e Albuquerque)

Entre em meu hotel, em ti pensando,
E's feliz, eu também o fui outrora...
Que bela é a tua casa! Ancho, lá fora
Na larga praia ouve-se o mar bramando.

O Paulo e a Vera, — quase de aéreo bando
Dois colibris, — repoum hora e hora
Ao pé de ti e ao pé de tua vora.
Vejo-os, meu lar extinto relembrando.

Abençoamos a Vida que a ventura
Da família nos dá, serena e pura,
Tu que a tens e és feliz, eu que a perdi.

Abençoemô-la, amigo, tu no gozo
Desse teu dia de anos, eu saudosa...
Tu que envelheces, eu que envelheci.

ROSAS DO CÉU

(VILANCETE)

(Inédito)

Aquelas rosas que em nome
Da família araxeense,
Rosita me ofereceu,
Hoje são rosas do Céu.

VOLTAS

Nunca vi rosas assim
Tão belas e tão cheirosas!
Em cada uma dessas rosas
Sorria-me um querubim.
Vendo-as — resolvi em mim —
Tão frescas e puras, eu
Mandei-as por sem demora
Aos pés de Nossa Senhora.
Hoje são rosas do Céu.

O mimo, Rosita Pontes,
Já hoje não me pertence;
A família araxeense
Que o passei além não contes;
Além está destes montes,
Além do estrelado céu
Aquele cesta de rosas...
E que eternas e formosas
Que são as rosas do Céu!

MONÓLOGO PASTORIL

Coração, para! ou morre, ou te refreia.
Olha os anos que tens, o que has vivido.
Não era este carvalho inda nascido
Quando nasceste, e já pesado arreia.

Amaste, quando aqui, em vez de aldeia
Ermo apenas se via, Em Papho ou Guido.
Culto não teve Amor como o rendido
Nestes campos de Arcádia à minha Alceia.

Das últimas ovelhas que guardadas
Foram por nós, as crias já leem erias;
Cobrem-me a testa lisas as prateadas.

Ah! velho estás! Agita não te socorre,
Nem presta ouvido às queixas que lhe enrias.
Coração, para! ou te refreia, ou morre!

FORA DE CASA

(EM ARAXA)

Aqui, fora do Rio, não me ensina
Seu canto a Musa, nem trovar intento,
Que nada faço longe da oficina
Em que acho distração ao meu tormento.

Tudo o que vejo, observo e me fascina
Por sua formosura o pensamento,
Este acolchoado verde de colina,
Verdes campos, azul de firmamento:

Tudo na alma sensível me ressona
E vibra, mas aqui tanta beleza
Cantar não posso, pois eu só trabalho

Com a minha pena, em casa, à minha mesa,
Como, deixando os ares onde roa,
O passarinho canta no seu galho.

Publicado na "Revista Souza Cruz" — Dezembro, 1928.

Dois poemas de Olavo Bilac — Eugênio Gomes

Galeria de nomes ilustres

O magnífico suplemento literário de A MANHÃ consagra a Olavo Bilac, com a divulgação de algumas poesias recolhidas de publicações remotas e expostas, abriu perspectiva a um estudo sobre as poesias que o grande poeta parece haver desdenhado, deixando de as recolher ou aproveitando-as sob forma diferente na colheita definitiva de seus versos.

Quem sabe? Talvez uma pesquisa nessa direção possa revelar pormenores interessantes sobre a evolução artística de Bilac, o que é particularmente tentador por se tratar do mestre que recomendamos:

“Nas se mostra na fábrica o supleto
Do mestre. E natural, a esteja
façada,
Sem lembrar os andaluzes do edifi-
cício.
Parque a Beleta, gênica da Verdade.
Arte pura, imunda do artifício.
E a força e a graça na simplicidade.”

Dentre as produções estam-
podas no suplemento encontra-
se, por exemplo, a forma pri-
mitiva dos dois poemas que
têm no “Poesias” os títulos de
“Mater” e “Manhã de Verão”,
e é curioso mostrar as modi-
ficações por que ambos passa-
ram.

O poema “Mater”, publica-
do com esse mesmo título, na
“Revista Ilustrada”, em 9 de
fevereiro de 1889, era dedicado
a D. Cândida M. B. da Costa
e tinha dez estrofes como se vê
a página 462 do suplemento já
citado.

No “Poesias”, esse poema, re-
duzido apenas a quatro estro-
fes, começa justamente da sétima
estrofe do poema origi-
nário:

“Tu grande Mãe... do amor de
uma filha escreva,
Por seus filhos és, na canção da
vida,
Como a talca de luz que o povo he-
breu galava
A longa Terra Prometida.”

Um confronto entre esta e a
estrofe primitiva mostra apenas
modificações quase insignificantes:
na primeira li-
nha, a frase inicial é seguida
de reticências e o período in-
termeio começa com maiúscula,
aparecendo igualmente em
maiúscula as letras iniciais das
palavras “terra prometida”, na
deradeira linha.

Na segunda estrofe, a pon-
tuação da primeira linha foi
também alterada: onde havia
dois pontos, está ponto final.
Já na terceira linha a modi-
ficação é sensível, porquanto o
verso:

“Deixa em ondas, nate esse nhar
(earinhoso
Tudo o Jordão do teu amor)”

foi substituído pelo seguinte:
“Deixa encostar desse nhar co-
rinthaco
Tudo o Jordão do teu amor”.

E fora de dúvida que, neste
caso, o poeta imolou-se um
pouco demais no estilo, sacri-
ficando um verso que parecia
harmonizar-se melhor com a
sua idéia.

A terceira estrofe, que era:

“Espalham tanto brilho as suas in-
fritas,
Que tu por sobre os teus, abrim
ligness e belia,
Que o seu grande claro sobre, quan-
do as setas,
E vai perder-se entre as estrelas.”

foi substituída por esta:

“E espalham tanto brilho as suas in-
fritas
Que expandes sobre os teus, curi-
nhosas e belia,
Que o seu grande claro sobre, quan-
do as setas,
E vai perder-se entre as estrelas.”

A alteração foi para melhor,
embora seja difícil acreditar que
o artista perfeito da “Turde-
ria procurada evitar a repe-
tição do “que” na abertura de
dois versos paralelos.

Na quarta e última estrofe,
houve apenas uma alteração: a
do gerúndio “galgando” por
“subindo”, na penúltima linha.
E é só.

Se nesses versos foram sacri-
ficadas seis estrofes, numa com-
posição de dez, pelo menos, o
título original foi mantido, o
que não aconteceu com o poe-
ma “O que me disse a Nature-
za”, que, na variante, teve vinte
e uma estrofes supressas e o tí-
tulo mudado para “Manhã de
Verão”.

Como se verificou em relação
ao poema “Mater”, a supressão
apareceu inicialmente as
primeiras estrofes, por forma
que a primeira estrofe é a qua-
ta do poema primitivo, cujas
duas primeiras linhas:

“As nuvens que, em bolões, sobre a
lrio pesavam,
Negras, rodando no ar. — na rila se
levantam...”

foram substituídas por

“As nuvens que, em bolões, sobre
to rio rodavam,
Já, com o vir da manhã, do rio se
levantam.”

Com essa modificação, que
melhorou muito a forma do
verso, o poeta introduziu a vi-
são do amanhecer que é des-
crita nos versos iniciais sacri-
ficados.

A quinta estrofe primitiva foi
também supressa: e a sexta:

“A estrela, que flutu por último ve-
lando
— Noiva que espera o noivo e oculta
la sua segreda,
— Venus — ao ver que o sol não
linda, palpitando
Suspira de desejo e estremece de
medo.”

passou a ser a segunda, com a
seguinte e hábil variante:

“A estrela, que flutu por último ve-
lando,
Noiva que espera o noivo e suspira
(sem segredo,
— Desmaia de pudor, apaga, palpi-
lando,
A pápila amorosa, a estremece de
medo.”

Como se vê, a modificação en-
volve a pontuação e, neste, co-
mo em todos os casos, de ma-
neira habilíssima.

Segue-se a sétima estrofe
primitiva:

“Há pela Paraíba um murmúrio de
lvozes,
— Tremor de conchas nús... satoz
(brancos luzindo...
E alvas, a navegar grandes mon-
tros feroces,
Passam, como num sonho, as Noídes
(fugindo...”

Na variante, esta é a terceira
estrofe e está assim disposta:

“Há pela Paraíba um sussurro de
(vozes,
Tremor de seina nús, corpos brancos
(luzindo...
E alvas, a cavalgar brancos mon-
(tros feroces,
Passam, como num sonho, as Noídes
(fugindo...”

Ter-se-á aqui uma evidência
do sensualismo intelectual que
levaria talvez Bilac a sacrificar
frequentemente as suas emo-
ções mais puras? A substitui-
ção da segunda linha: “tremor
de canchos nús... satoz brancos
luzindo” por “tremor de seina
nús, corpos brancos luzindo”
será indicativa de uma tendên-
cia meramente intelectual no
sensualismo, às vezes, excessivo.
do melhor artifício do verso
brasileiro, na sua primeira fa-
se? O denotamento verbal de
Coutinho Neto, recolhido pelo sr.
Outhier de Almeida, segun-
do o qual Bilac, longe de ser um
libertino “era, ao contrário,

apenas um puro, simplesmente
um casto, “pode ser taxado
em abono de que a seu era um
sensualismo ordinariamente in-
tencional, condimento excitante
que procurava dosar ao pa-
ladar da raga...”

Nas, voltemos ao confronto
que vinhamos fazendo.

A oitava e a nona estrofes
primitivas foram desprezadas:
a décima:

“E a rosa que acordou, sob as ramas
(elzeiradas,
Diz: — “Acorda com um beijo as
(outras flores quietas!
“Vem! Porque Deus criou as mu-
(lheres e as rosas,
“Para servir de ninho aos beijos dos
(poetas!”

é a quarta da variante, a saber:

“A rosa, que acordou sob as ramas
(elzeiradas,
Diz-me: “Acorda com um beijo as
(outras flores quietas!
Poeta! Deus criou as mulheres e as
(rosas
Para os beijos do sol e os beijos dos
(poetas!”

Aqui, o esteta ajudou as cla-
ras o poeta, dando forma mais
bela e mais harmoniosa ao seu
pensamento. Nessa modifica-
ção, o artifício salvou a idéia,
ampliando-a até, sem ultrapasa-
sar de uma linha sequer o lími-
te estabelecido.

A décima primeira e a déci-
ma segunda estrofes primitivas
foram também postas de lado,
e a décima terceira:

“A ave diz: — Bem conheço aquela
(cor! Parece
Que os Gênis da manhã bailam pelo
(ar dispersos,
E que o céu se abre todo, e que a
(terra floresce,
Quando ela principia a recitar teus
(versos!”

aparece, na variante, assim mo-
dificada:

“E a ave diz: “Sabes tu? Conheço-a
(bem — Parece
Que os Gênis de Oberon bailam
(lpeio ar dispersos,
E que o céu se abre todo, e que a
(terra floresce,
— Quando ela principia a recitar teus
(versos!”

Talvez não seja demasiado
audacioso sustentar que a sub-
stituição dos gênis da manhã
pelos gênis de Oberon não é
das mais louçáveis. Havia um
sabor de ecloga, e ecloga brasi-
leira, no verso modificado, jus-
tamente por causa daqueles
gênis da manhã.

A décima quarta estrofe pri-
mitiva:

“Diz a flor: — Bem conheço a cor
(daquela boca!
— Bem conheço a maciez daquelas
(mãos pequenitas!
— Não fosse ela nos jardins roubar,
(trêfega e louca,
“O rubor da papoula e o alor das
(laqueadas!”

ficou sendo a sexta da variante,
com alteração bem acentuada
na primeira linha:

“E diz a luz: “Conheço a cor da
(quela boca!
Bem conheço a maciez daquelas
(mãos pequenitas!
Não fosse ela nos jardins roubar,
(trêfega e louca
O rubor da papoula e o alor das
(laqueadas!”

Nota-se, neste último verso, a
propriedade da substituição de
“olor” por “alvor das acue-
nas”.

Nessa estrofe é a luz quem
fala, como vimos, quando, no
poema original, era a flor; na
estrofe seguinte, onde falava a
floresta, fala e palmeira, como
se vai ver:

“Continua a floresta: — “Ao vir o
(sol radiante
“Vem o vento agitar-me e despar-
(tar-me a coroa...”

“E a água, cheia de sons e de flocos
(de espuma!
Todo o meu esplendor e todo o meu
(aroma!”

A sétima estrofe, correspon-
dente àquela, na variante, é a
seguinte:

“Diz a palmeira: “Inveja-a! ao vir
(a luz radiante,
Vem o vento agitar-me e despar-
(tar-me a coroa,
E ou pelo vento envio ao teu cabelo
(londancir
Todo o meu esplendor e todo o meu
(aroma!”

E' incontestável que os versos
melhoraram com a alteração.

A décima sexta e a décima
sétima estrofes do poema pri-
mitivo:

“E a floresta que espande, e o sol,
(que abre a coroa
De ouro fulvo, espandendo a matus-
(tina bruma,
E o lírio que estremece, e o passaro
(que voa,
E a água, cheia de sons e de flocos
(de espuma!”

A cor, o som, a luz, o perfume e o
(orgoglio
— Tudo — elevando a voz nesta ma-
(nhã de estio,
Diz: — “Pudesse dormir, poeta! no
(teto selo,
“Curvo como este céu, manso como
(tente rio!”

tem, na variante, a seguinte
forma:

“E a floresta, que canta, e o sol, que
(abre a coroa
De ouro fulvo, espandendo a matus-
(tina bruma,
E o lírio, que estremece, e o pássaro,
(que voa,
E a água, cheia de sons e de flocos
(de espuma.”

Tudo — a cor, o claror, o perfume
(e o orgoglio,
Tudo, elevando a voz, nesta manhã
(de estio,
Diz: “Pudesse dormir, poeta! no
(teto selo,
Curvo como este céu, manso como
(tente rio.”

Entes são os últimos versos
do poema, qual está no “Poesias”.
As estrofes seguintes — o
são treze — do poema original,
foram inteiramente despreza-
das.

Quando se deu a esse traba-
lho de desbastar, Bilac já era
certamente um converso à rí-
gida estética que o levava a
exclamar:

“Que outro — não eu! — a pedra
(foete

Para, brutal,
Erguer de Athens o altivo porla
(Descomunal.

Mais que esse valor extraordinário,
que assevera a vista,
Sodra-me um leve relicário
(De fino artista”.

E' ainda curioso assinalar que
os dois poemas modificados
aparecem na “Poesias” sem as
dedicatórias que se vem na
publicação primitiva, o que está,
aliás, em concordância com o
critério seguido a esse respei-
to — parece — pelo poeta, na-
quele livro, tão parco em dedi-
catórias. Salvo os versos dedi-
cados à rainha D. Amélia, à
mãe do poeta e a Luis Guilma-
rdes, as dedicatórias no “Poesias”
se referem a personalidade-
des extintas, às vezes, de ma-
neira vaga, como nos poemas
“A um grande homem” e “A
um Poeta” ou no soneto “A um
Poeta morto”.

Haveria provavelmente nisto
um traço da impossibilidade
parnasiana, com a qual Bilac
puxava à prova a abnegação que
o impelia a suplicar à Arte,
com os olhos postos na Deusa
Serena da Forma:

“Mas, ah! que eu fique só contigo,
contigo só!”



José Luis de Rego, um dos poe-
tistas mais em foco da atual poe-
sias. Acaba de publicar um nu-
ovo romance “Água-Mãe”, que
obteve o prêmio da Sociedade
Felipe de Oliveira.



A. Lins de Rêgo, figura notável da
América do Norte. Morreu em uma
poeta, de comandante da frota de
guerra do Pacífico, por ocasião do
ataque japonês a Pearl Harbor.



Prof. André Dreyfus. É lente su-
plendário de Biologia da Faculda-
de de Filosofia, Ciências e Letras
de São Paulo.



Candido Portinari, o mestre pintor
brasileiro. Acaba de regressar dos
Estados Unidos, onde recebeu a
honrosíssima incumbência de de-
corar a Biblioteca do Congresso.